



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ELIAS GOMES DA SILVA MOURET

**O DIVINO ERÓTICO
POESIA MÍSTICA E EROTISMO - UM OLHAR SOBRE O DESEJO
EM OBRAS ESCOLHIDAS DAS RELIGIÕES DE
MATRIZ ABRAÂMICAS.**

**Garanhuns, PE
2019**

ELIAS GOMES DA SILVA MOURET

**O DIVINO ERÓTICO
POESIA MÍSTICA E EROTISMO - UM OLHAR SOBRE O DESEJO
EM OBRAS ESCOLHIDAS DAS RELIGIÕES DE
MATRIZ ABRAÂMICAS.**

Monografia apresentada à disciplina
Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, na área de
Literatura, sob a orientação do Prof. Dr.
Rogério Cavalcante de Moura.

**Garanhuns, PE
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M931d Mouret, Elias Gomes da Silva
 O Divino Erótico: poesia mística e erotismo - um olhar sobre o desejo em obras escolhidas das religiões
 de matriz abraâmicas / Elias Gomes da Silva Mouret. - 2019.
 76 f. : il.
- Orientador: Rogerio Cavalcante de Moura.
 Inclui referências e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
 Licenciatura em Letras (Português e Inglês), Garanhuns, 2020.
1. Poesia. 2. Erótico-mística. 3. Neutro. I. Moura, Rogerio Cavalcante de, orient. II. Título

CDD 410

ELIAS GOMES DA SILVA MOURET

**O DIVINO ERÓTICO
POESIA MÍSTICA E EROTISMO - UM OLHAR SOBRE O DESEJO
EM OBRAS ESCOLHIDAS DAS RELIGIÕES DE
MATRIZ ABRAÂMICAS.**

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Cavalcante de Moura . UFRPE-UAG. (Orientador) Nota _____

Prof. Dr. Nilson Pereira de Carvalho UFRPE-UAG. (1º Examinador) Nota _____

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins. UFRPE UAG (2º Examinador) Nota _____

A Rafael Calumby (In memoriam).

Continuo, seu Rafael, a jogar xadrez comigo mesmo.

Movendo as peças brancas e as pretas,
desafiando meu juízo e meu coração.

Os otimistas dizem que não há jeito de
perder,

Os pessimistas que não há jeito de ganhar.

Nós dois sabemos que não é disso que se
trata.

AGRADECIMENTOS

Á vida e o vinho.

Ao desejo.

Às montanhas e planícies.

À contemplação marítima.

A Irene e João (in memoriam) e sua grande família.

As amigas e amigos de Recife, Garanhuns, além e além-mar.

A todas as casas espirituais que me acolheram.

Aos místicos, peregrinos e errantes.

Aos colegas da UFRPE - UAG.

Aos professores e técnicos da UFRPE - UAG.

Aos Professores Rogério Cavalcante, Nilson Pereira e Adeilson Sedrins.

A Antônio Cavalcanti e Moacir Japearson e nestes, os velhos e novos amigos.

Aos que duvidam.

A hospitalidade dos estranhos.

Obrigado.

Ronda - Paulo Vanzolini

De noite eu rondo a cidade
A te procurar sem encontrar.
No meio de olhares espio,
Em todos os bares
Você não está...
Volto pra casa abatida,
Desencantada da vida.
O sonho alegria me dá:
Nele você está.
Ah, se eu tivesse
Quem bem me quisesse,
Esse alguém me diria:
"Desiste, esta busca é inútil".
Eu não desistia,
Porém, com perfeita paciência
Volto a te buscar.
Hei de encontrar
Bebendo com outras mulheres,
Rolando um dadinho,
Jogando bilhar
E neste dia, então,
Vai dar na primeira edição:
Cena de sangue num bar
Da Avenida São João.

RESUMO

Esta pesquisa pretende lançar um olhar científico sobre o desejo em obras escolhidas da mística-erótica de tradição abraâmica, tendo como Corpus o Cântico dos Cânticos e dois poemas de Jalaluddin Rumi e Santa Teresa de Ávila. A mesma se configura como um olhar dissidente sobre a poesia mística-erótica, tendo como objetivos propor, um outro logos do desejo e um questionamento das interpretações alegóricas oferecidas pelas hermenêuticas tradicionais para estas obras. Para alcançar esses objetivos, a pesquisa teve caráter qualitativo. O percurso teórico é fundamentado na abordagem de Roland Barthes sobre o *Neutro* e em algumas figuras que este autor escolheu como cintilações do *Neutro*. Os resultados apontam para uma neutralização da separação entre o corpo físico e tangível e a alma diáfana e intangível nos elementos do texto. Apontam também no sentido de revelar que as hermenêuticas tradicionais reduzem, no afã de controlar o corpo e a sexualidade, a riqueza estética e poética dessas produções também culturais e literárias. Dessa forma, a pesquisa passa a ser também um ponto de partida para um olhar plural sobre a poesia mística-erótica, um primeiro contato com a poesia Sufi e um convite a abertura para a diversidade de vozes amorosas e devocionais numa perspectiva de diálogo e encantamento.

Palavras- chave: Poesia, erótico-mística, Neutro.

ABSTRACT

This research intends to take a scientific look at the desire in chosen works of the mystical-erotic of Abrahamic tradition, having as Corpus the Song of Songs and two poems by Jalaluddin Rumi and Santa Teresa de Ávila. It is configured as a dissident look at mystical-erotic poetry, with the purpose of proposing another logos of desire and a questioning of the allegorical interpretations offered by traditional hermeneutics for these works. To achieve these objectives, the research was qualitative. The theoretical path is based on Roland Barthes' approach to the Neutral and some figures that this author chose as scintillations of the Neutral. The results point to a neutralization of the separation between the physical and tangible body and the diaphanous and intangible soul in the elements of the text. They also point out to reveal that traditional hermeneutics reduce, in the desire to control the body and sexuality, the aesthetic and poetic richness of these cultural and literary productions. In this way, research becomes also a starting point for a plural look at mystical-erotic poetry, a first contact with Sufi poetry and an invitation to open up to the diversity of loving and devotional voices in a perspective of dialogue and enchantment .

Keywords: Poetry, erotic-mystical, Neutral.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 .A Longa Jornada.....	15
1.1 Um passo de cada vez.....	17
1.2 Um lugar na planície.....	19
2 A Primeira Pista ou Preliminares.....	23
2.1 Leitura de Imagens.....	27
2. 2 O Neutro - Um Terceiro entre os Amantes.....	31
3 Sobre o Corpus.....	33
3.1 Cântico dos Cânticos.....	34
3.2 Poemas de Rumi.....	44
3.3 Poemas de Santa Teresa	49
Conclusão - De Amor e de Sombras.....	52
Referências Bibliográficas.....	55
Anexo 1-Poemas.....	56
Anexo 2-Imagens.....	68

Introdução

Este trabalho pretende iniciar um olhar de aproximação sobre o desejo, enquanto concretude de amor carnal, em obras escolhidas do acervo poético das religiões de matriz abraâmicas, caracterizando um divino-erótico a partir de trechos do Cântico dos Cânticos e de poesias místicas de Mawlana Rumi e Santa Teresa de Ávila. É portanto um trabalho introdutório num universo muito rico de possibilidades e leituras que se nos apresenta. Universo, este que, longe de ser aqui esgotado, se desvela aos poucos num jogo de sentidos, interpretações e reticências. O Cântico dos Cânticos, Mawlana Rumi e Santa Teresa de Ávila são escolhas essenciais para quem deseja adentrar este mundo onde a espiritualidade e o corpo combatem, num vai e vem amoroso de gozo e negação. Esta obra e estes autores, abrem o leque do que aqui chamamos o divino erótico, sendo representantes do Judaísmo, do Islamismo Sunita de tradição Sufi e do Cristianismo de matriz Católica. Claro deve estar que os mesmos não esgotam esta perspectiva, como citado anteriormente, mas são referências incontornáveis para quem deseja aprofundar seus estudos na poesia mística e erótica.

A poesia mística e erótica é parte integrante do acervo cultural dos diversos povos, constituindo mesmo uma forma de relacionar-se com suas divindades e delas ou com elas obter o prazer, o gozo, o repouso num processo complexo que ora adere mais facilmente a presença do corpo físico, manifestando-se inclusive num ideal de cópula, em rituais de fertilidade e/ou acasalamento, ora o sublima em imagens várias de desejo, comumente se apresentando em figuras da natureza ou do próprio corpo, em metáforas de um corpo místico. Esta poesia pretende-se dialógica entre o humano e o divino numa busca de síntese, de reencontro, de *reigare* em plenitude e embora sua manifestação literária ou em outras artes seja diversa e fundamentada nas experiências de cada povo, é possível lhes atribuir um traçado de semelhanças, uma comunhão de imagens, perspectivas amorosas e religiosas que, sem apagar o que lhes é próprio, podem promover aproximação e compreensão do outro.

A poesia mística erótica não nos parece uma cura para a intolerância religiosa e não a enxergamos dessa forma. Sua força e permanência parecem estar

exatamente no oposto, uma escolha já presente para o outro, para o amor e para a vida em comum e prazerosa. Se tudo isto se dá é algo que não sabemos, mas podemos sem grandes temores esticar a corda interpretativa e questionar, tendo estas obras por referencial, se um outro olhar do desejo é possível, se esta junção de espiritualidade, arte e gozo são um caminho para muitos e melhor. De certa maneira duas partes do problema se apresentam e estão correlacionadas. Se buscamos indagar o que até agora tem sido dito, podemos lançar um olhar sobre a possibilidade de uma convivência entre crenças - ou não crenças - que tendo encontrado uma solução para a espiritualidade e o erotismo, manifesta em poesia, amplia a possibilidade do encontro, da diversidade? Antes porém de responder esta parte da questão, precisaremos lidar com aspectos, digamos mais formais, hermenêuticos, sobre estas obras e nisto se configura a outra parte do nosso problema: É possível um olhar dissidente, uma outra hermenêutica dos sentidos que nos permita encontrar este lugar de comunhão amorosa entre divergentes? É uma questão ampla que retornará com outras construções durante todo o texto. Ela perpassa outras disciplinas e se desdobra, fraciona. Assim, introduzimos a questão sabendo que a resposta é um ensaio, uma tentativa que não nos parece sem mérito. É preciso começar de algum lugar.

Ao escolher estas obras, tanto por sua representação das três religiões de matriz abraâmicas, quanto por seu valor intrínseco, ainda que sejamos levados por certa preferência pessoal, partimos já de um pressuposto que as mesmas respondem de maneira satisfatória à problemática do desejo, e portanto servem como um caminho para a ampliação deste olhar e como substrato para o novo problema que apresentamos. A característica principal do problema parece ser a generalização e se uma resposta individual, buscada pelo místico, é possível de ser compartilhada. O embate ferrenho e por vezes fanático que presenciamos na atualidade, com defesas extremadas das próprias crenças e de modos de ser no mundo, o que inclui a sexualidade, não encontraram guarida na poesia mística. A mesma desenvolveu-se como caminho aberto, plural, rizomático e assim nos parece essencial para respostas também abertas, não dogmáticas, conceitos provisórios e plurais. A poesia mística erótica nos legou corpos diversos, amores diversos e um não julgar das práticas do desejo, uma fluidez que contorna o que é rígido, que

molda as pedras sem abandonar seu próprio fluxo. Nisto se assenta a importância da poesia mística erótica aqui e como material de pesquisa : Sua amplitude de manifestações, a alteridade ao alcance de mãos generosas, sua abertura para um terceiro, um vale escondido entre montanhas.

Nosso objetivo é, portanto, propor uma resposta aproximada sobre estas questões que se apresenta como um outro olhar sobre o desejo. Esta resposta pretende ser não dogmática, nem substitutiva, de modo que entendemos que as dissidências, sejam quais forem, mantém uma ligação, por mais tênue que seja, com a matriz que lhes gerou. É a natureza desta ligação, que se coloca como diversa, plural e questionadora, que buscamos. Pretendemos encontrar outra possibilidade interpretativa, não necessariamente nova, mais essencial e de cujo frescor, pensamos estas obras estavam originalmente plenas. Assim, ao propor um novo olhar sobre o desejo como fundamento para convivência dos divergentes e lugar de encontro amoroso para os mesmos, percebemos que nosso objetivo se recobre também de um questionamento sobre as hermenêuticas atualmente aceitas, sobre estas obras e uma proposição de uma nova visada. Tendo em mente que esta é uma obra introdutória e que exigirá daquele que tenha interesse no tema, maior aprofundamento e uma busca ampla, pensamos que por ora, é suficiente entender que partimos de um pressuposto que um Divino Erótico comum está posto nestes poemas de origem diversa, que aqui queremos questionar as interpretações canônicas oferecidas e apresentar outra possibilidade e que esta tarefa se desdobra em se é ou não possível este outro olhar e o que faremos diante da resposta que encontrarmos. Buscamos então entender quais as nuances literárias e sociais que resultam da pesquisa.

O caminho percorrido exigirá de nós leitura atenta dos fragmentos e uma metodologia qualitativa que nos possibilite o exercício de uma exegese breve sobre os textos e suas possibilidades escondidas, abrindo espaço para proposições experimentais e leituras cujo exame carrega muito de pessoal. Para melhor entender este processo e tendo um norte interpretativo, escolhemos trabalhar partindo da perspectiva do Neutro, desenvolvida por Roland Barthes, em livro do mesmo nome. O autor apresenta o Neutro em cintilações ou figuras. Escolhemos algumas delas para examinar o texto e nos servir como guia e linha mestra.

Também a escolha das figuras tem um caráter pessoal e de experiência, tendo aquelas que de alguma forma já estavam em nosso horizonte teórico e de vida, sido escolhidas. É perceptível pois, que o trabalho se reveste de experiências anteriores e convida o leitor para ao se debruçar sobre o mesmo, não negar - se isso fosse possível - as próprias. Deste modo, são bem-vindas as jornadas individuais que nos parece, se coadunam com a pesquisa qualitativa e a leitura atenta que escolhemos.

O trabalho se organiza , além desta introdução, em três capítulos, conclusão e dois anexos para os poemas e as imagens, respectivamente. No primeiro capítulo discorreremos sobre o corpus escolhido, as interpretações canônicas e o lugar destas obras na vastidão da produção poética das religiões de matriz abraâmicas. Escolhemos aqui um percurso imagético de aproximação entre experiências pessoais e produção poética. Também neste capítulo reintroduzimos as questões já apresentadas ainda que com outras formulações. O segundo capítulo trata de forma mais direta sobre a metodologia adotada, as abordagens hermenêuticas judaico-cristã, a leitura de imagens e os elementos propostos por Roland Barthes. Podemos aqui compreender melhor as figuras escolhidas para leitura das obras e o 'conceito' de Neutro. Encontraremos no terceiro capítulo a análise do corpus propriamente dita, sendo os fragmentos apresentados junto a interpretação que propomos e que se apoia nas figuras anteriormente citadas. Trazemos informações breves sobre autores e obras que ajudam a contextualizar os mesmos e sua importância nas religiões de matriz abraâmicas e como místicos do desejo. Por fim nossa conclusão se apresenta de maneira não menos poética e isto nos pareceu fundamental: Equilibrar rigores internos e externos, fazer ciência e poesia e encontrar uma síntese, uma cintilação entre eros e razão. É uma busca afinal.

1 - A Longa Jornada.

Fim de tarde. Sentado sobre o chão pedregoso observamos as nuvens que se formam, elas anunciam uma noite de chuvas, talvez raios. Estes lampejos de força e luz nos causam forte admiração. Os pássaros encerram o dia, a natureza parece se recolher num compasso de espera, os insetos se entocam, o vento uiva e as árvores se inclinam, algumas folhas e flores se desprendem. Apenas nós e o chão pedregoso permanecemos ali, a espreita dos raios, numa espera cúmplice. O terreno fica no meio de uma colina, não no topo. Abaixo, corre um riachinho e à nossa esquerda uma passagem molhada por onde o mesmo serpenteia em pequenos seixos. À direita, cerca de um quilômetro desta passagem há um pequeno pântano e é ali que nós, crianças, atravessamos enfrentando as sanguessugas que teimam em grudar em nossos corpos. As nuvens se formam, densas, escurece. Tomamos o abrigo de nossas capas e esperamos. Os primeiros pingos e os raios. À nossa frente um sem fim de montanhas se perde no horizonte, é ali que nossos olhos descansam e os raios, num bailar de formas e luminosidade, quebram sobre a terra, revelando inúmeras figuras. Sua dança enfeita nossos olhos, o chão se encharca, uma fertilidade se espalha pelo terreno árido e tudo se recobre de um cheiro úmido de terra molhada e desejo. Os raios cessam, a chuva se esvai, é hora de voltar para casa. Não caminhamos, voamos, dançamos na chuva. A natureza é divindade e prece e giramos juntos na espiral das coisas.

O lugar é agreste e este, uma região incerta. Gestado entre o sertão e o mar, tudo nos pertence e nos falta e todo passo é em falso. O destino aqui é fuga, quietismo, uma certa dose de solidão e paixões escondidas. O amor escapa aos dedos e as devoções são as mais impuras. É possivelmente um bom lugar para encontrar dissidentes, desviados, perdidos, loucos e todo tipo de adjetivos que usamos para os apaixonados. De grandes paixões às grandes frustrações, de grandes arroubos à indiferença. Estamos no meio, mas não somos sábios como os orientais, é uma outra coisa que não sei dizer, um não pertencimento, um não estado, uma hibridez. Num dia feliz diria que somos heresia, escolha, mas se estende também por estes campos a vigilância doutrinária do bem e do mal, do

corpo e da alma, do amor correto. Essa violência dualista empurra o dissidente para a sombra, para uma interpretação alegórica do que não é, no extremo, para a hipocrisia. Poesia e fé são coisas desvairadas, embriaguez amorosa, são terríveis. Nos dois campos a ortodoxia constrói belas catedrais vazias, magníficos vitrais que filtram a luz e um chão de mármore duro, um peso sobre o mundo.

Tendemos para a paixão por poesias e experiências místicas e, sem crenças e com pouca fé, pensamos em apresentar neste trabalho algo dessas dissidências poético-amorosas que passam despercebidas por crentes e não crentes, que são um agreste num oceano de verdades reveladas, imutáveis e intolerantes. Apresentar uma não resposta, uma não certeza, uma vereda a ser construída. Sabemos que o caminho destas poesias é longo e de certa forma incerto, tanto a autoria como a canonicidade de certas obras são por vezes questionadas. Elas estão aí faz séculos e a tentativa de possuí-las não é menor do que a que se configura entre amantes. Há por exemplo, sobre o Cântico dos Cânticos, um dos objetos de nossa pesquisa, grande dúvida quanto a autoria e alguns que defendem uma autoria feminina do mesmo.

Mawlana Rumi é outro que apresenta certa dificuldade, seja interpretativa ou no tocante às traduções. Como a maioria dos autores orientais, sua obra foi “descoberta” por algum orientalista de língua inglesa e foi daí traduzida para outras línguas. Não é fácil, portanto, verificar a qualidade do material em língua portuguesa e cotejá-lo com os originais em persa. Parece-nos que apenas a poesia de Teresa de Ávila está fora de controvérsia, tendo um texto estabelecido e amplamente aceito. A obra da monja carmelita escrita originalmente em espanhol aqui é apresentada em português, numa tradução que contou com a ajuda de Manuel Bandeira, para a edição das obras completas .

Este trabalho busca uma compreensão sobre estas obras que permita um olhar amplo e de encontro entre elas. Encontro que sem descurar da mística, traz a tona o erotismo muitas vezes apagado. Pensamos que ao refletir sobre o desejo , nessas obras escolhidas, trilhamos um caminho, já por outros aberto, de valorização do amor entre os seres, de toda forma de amor e, modestamente contribuímos para os diálogos poético e inter-religiosos. Não queremos criar um novo dogma interpretativo. Isso nos parece um algo essencial a se evitar e sabemos que nos fica

o risco de pretensamente apresentar uma nova verdade. Tentaremos driblar este desfecho que nos espreita, talvez como uma pequena onda que quebra diante das rochas, que se alimenta do movimento, do vai-e-vem dos sentidos. Não nos negamos a perceber que são poesias antigas, que estão aí por muito tempo e de certa forma, possivelmente, nada do que aqui pretendemos é uma novidade. Quantos olhares apaixonados não receberam estas obras, quantas críticas ou censuras? É um percurso longo e algumas indicações históricas nos ajudarão, embora, o cerne do trabalho esteja nas próprias obras, ou mais precisamente em partes escolhidas das mesmas.

1.1 Um passo de cada vez

O Agreste, antes citado e sua permanência no meio, se nos afigura como uma primeira 'cintilação' provocadora de uma compreensão não paradigmática e que se apresenta como amálgama, incerteza. Encravado geograficamente entre o Sertão e a Zona da Mata lhe falta açúcar e secura, abunda porém em outras coisas. A nossa mente vem a figura das mãos que se juntam em prece ou num ato sexual: Entre elas, nesse espaço, forma-se um desejo, um Neutro. Dessa forma imperfeita, aproximamos nosso lugar das reflexões de Roland Barthes que virão a seguir.

Desenvolveremos adiante um pouco mais sobre as hermenêuticas que são normalmente adotadas, em ambientes religiosos, para tratar destas obras e as questionaremos. Suas escolhas por uma interpretação alegórica manifesta quase que num medo do amor carnal, esconde, pensamos, um desejo de controle sobre os corpos, um estabelecimento de um referencial de correção que não são menos que estreiteza e autoritarismo. Estes primeiros passos essenciais devem nos distanciar destas interpretações que consideram o amor entre os 'meros' mortais como coisa menor, diante das alturas divinas. Pensamos muito o contrário disso e desejamos mostrar como os místicos em sua poesia, estavam abertos à toda sorte de amor e prazer. Nossa navegação não será sem bússola, no entanto. Como mencionamos na introdução, tomamos parte dos escritos de Roland Barthes como guia para esta pesquisa. Uma obra fundamental deste autor é o principal substrato do que aqui vai escrito: O Neutro foi escolhido como obra referencial. Além desta,

aqui e ali e sendo fiéis a proposição de interdisciplinaridades, outros autores também serão citados. Barthes, e sua escrita sobre o Neutro entretanto, segue como fundamentação teórica primeira. Voltaremos ao 'conceito de Neutro' mais à frente, contudo podemos já anunciar que o autor o desenvolve, como ele mesmo afirma, não como um conceito fechado mas, termos a deriva, de aspectos rizomáticos, uma flutuação de sentidos ou o que ele chama de cintilações. O Neutro se ensaia e não se define. Falando sobre o que Roland Barthes apresentou, o professor Latuf Isaias Mucci assim expõe:

No âmbito da gramática, o vocábulo "neutro" define nomes ou palavras que não têm características nem do gênero masculino nem do feminino. A partir daí, a conotação de neutro generalizou-se, através de Maurice Blanchot (1927-2004) e Roland Barthes (1915-1980), para definir o estado de "indecidibilidade" semântica que todo texto literário apresentaria. Nutrida de códigos heterogêneos e indivisíveis, a obra não poderia produzir nenhum sentido e escaparia à lei de qualquer significação. Ela transformaria a sobredeterminação da palavra em indeterminação da escritura. O neutro marcaria, portanto, a impossibilidade de assinalar qualquer domínio de sentido ao escrito literário, que estaria liberto à sua simples significância e que chegaria, não mais ao não-sentido, mas à flutuação generalizada do sentido. O neutro não se opõe a nada: rizomático, produz derivas. Mucci 2010

São, desse modo, estas derivas que buscamos e seu caráter questionador. Seguindo a perspectiva de Barthes e adotando algumas das figuras que o mesmo trabalhou em suas aulas, procuraremos um caminho não entre o sentido e o não-sentido, mas do Neutro que se assenta numa indeterminação e se afasta das hierarquizações comuns as 'verdades'. Não é certo que a nada nos oporemos, talvez aqui, seja necessário uma certa oposição aos fechamentos da regra, da canonicidade alegórica que essas poesias tomaram. O paradoxo, porém é aparente. O rizoma comporta também a deriva que o nega. Assim, a ênfase nos aspectos eróticos das obras não apaga ou confronta suas características místicas e devocionais, antes, as coloca num outro 'lugar' e sentido, reafirmando a plenitude do ser e retirando o prazer do opróbrio que parece, lhe destina todo fanatismo.

1.2 Um lugar na planície.

As religiões de matriz abraâmicas tem gestado durante séculos uma ampla concepção sobre o desejo, o corpo e sua relação com o sagrado. Dentre estas concepções, se destacam aquelas que provém da experiência mística e revelaram-se através de uma rica literatura de cunho transcendente e erótico.

Estes místicos, muitas vezes, são considerados durante muito tempo como vozes dissonantes da dogmática e da devoção da maioria e em alguns casos, eles mesmos ou suas obras, passam por um processo ora de rejeição ora de acomodação aos ditames vigentes. O olhar da maioria, profundamente orientado para uma perspectiva de obediência e regulamentação do prazer, tem se mostrado insuficiente para responder às diversas questões levantadas, também em espaços religiosos, sobre o papel do amor carnal e sua relação com uma espiritualidade específica. Este trabalho pretende, partindo de um olhar sobre o Cântico dos Cânticos e da poesia de Mawlana Rumi e Teresa D'Avila, propor um diálogo sobre o desejo, o corpo e o sagrado em espaços de fé, numa perspectiva libertadora, aberta à diversidade e que considera aquilo que nestes textos é muitas vezes escondido ou metaforizado : A relação sexual como lugar do amor e da espiritualidade, livre dos apelos da culpa e do pecado. A escolha destes autores e obras se dá pela representação dos mesmos e sua importância dentro das três religiões de matriz abraâmicas, sua abordagem poética do prazer e do transcendente e a qualidade literária presente nestas obras.

Claro deve estar porém, que é um olhar de dissonância, não comungamos, como um devoto, de nenhuma das crenças originárias destes poemas. Assim, nos serviremos também de uma prática comum a espaços religiosos: Apropriar-se e reinventar. Este trabalho confronta os que tem dúvida e aos mesmos se oferece. Pensamos que uma outra perspectiva pode enriquecer a leitura e ressignificação dessas obras, abrindo um universo de possibilidades que não se atemoriza com a sexualidade de quem quer que seja, antes, em poesia, abarca tudo como divino.

A literatura, como linguagem artística e simbólica, tem sido de grande relevância para as manifestações religiosas e a propagação de um ideário de amor, prazer e corpo nas sociedades atuais e passadas. As religiões de matriz

abraâmicas, também chamadas de religiões do livro, graças a sua base estruturante, doutrinária e devocional, orientada pela Bíblia, são de certa maneira, um dos principais espaços sociais de construção deste logos, deste pensamento, que se manifesta em ações e palavras que moldam um estar no mundo e um relacionar-se com ele. Dentro da experiência religiosa e muitas vezes como uma dissidência, a figura dos místicos se apresenta como incompreendida ou abafada pela superioridade numérica ou da força presente na estrutura institucional. Estes “dissidentes amorosos”, poetas, visionários, místicos, ainda que, com o tempo, tenham sido aceitos pelo corpo principal daquela religião, viram aspectos importantes do seus pensamentos serem, propositadamente apagados, esquecidos ou reinterpretados de modo a confirmar o olhar padrão sobre o desejo, o olhar do status quo.

Este trabalho pretende apresentar o Cântico dos Cânticos, obra hebraica, a poesia mística de Mawlana Rumi, autor muçulmano sunita e Santa Teresa D'Ávila, freira católica, sobre uma perspectiva de diálogo e abertura para a diversidade amorosa. Para tanto percorremos alguns poemas do pequeno livro bíblico e selecionamos dos dois autores citados e dentro de suas vastas obras, algumas poesias que por seu valor literário e importância espiritual, representam um outro logos, um outro entendimento sobre o prazer e o corpo, um olhar generoso sobre o desejo.

Aqui nos interessa uma abordagem destas obras literárias, que revele seu vigor interno, suas possibilidades representativas, sua manifestação artística de mulheres e homens que amam. Esta literatura, pouco conhecida mesmo dentro dos espaços religiosos, apresenta rica estrutura literária, importância central no entendimento das divergências sobre o amor e o desejo em lugares de fé e, pensamos, substrato importante para, partindo de uma linguagem artística singular, encontrarmos, religiosos ou não, um outro caminho, uma outra leitura sobre este nosso estar no mundo e estar no mundo com os outros.

Pensamos então que, pela importância literária dessas obras, sua pouca difusão em espaços acadêmicos e a possibilidade que o estudo das mesmas abre para a compreensão do outro, do seu lugar e de sua perspectiva social a pesquisa sobre estes textos encontra assim uma dupla justificativa: Compartilhamos de rica

literatura de outros povos e partindo desta literatura, abrimos possibilidades de construção de um outro logos do desejo.

Fundamentalmente refletimos sobre os paradigmas do amor, do sexo e do prazer, de sua escritura oficial e centralizadora, de sua representação em imagens que voltam a um centro ordenador e indagamos: É possível uma leitura dissidente, rizomática das relações entre desejo, prazer e espiritualidade partindo da poesia mística-erótica presente no Cântico dos Cânticos e em poesias escolhidas de Mawlana Rumi e Teresa D'avila? São estas obras suficientes para estabelecer uma outra perspectiva que, sob o signo poético, questiona o logos do desejo construído na literatura de matriz religiosa?

Uma abordagem interdisciplinar das obras selecionadas norteia o percurso escolhido para responder às questões acima. Nosso ponto de partida é a manifestação literária como lugar de construção de relações humanas e espirituais e portanto espaço aberto para o diálogo e para a construção de um outro logos do desejo, que apoiado na experiência mística e manifesto em poesia, abre um leque de possibilidades de sentido e de olhar.

Esta pesquisa pretende ao abordar estes autores, apontar as relações literárias e de matriz espiritual presentes ou não no percurso de cada um deles e como estes percursos podem ser um ponto de partida para a leitura e entendimento das relações entre desejo, prazer e espiritualidade. Acreditamos que o problema do desejo, sua manifestação poética e/ou doutrinal é fator fundamental para a construção de uma sociedade plural e aberta a diversidade de manifestações tanto amorosas, quanto devocionais. Pensamos também que o lugar da poesia, nestas obras de matriz abraâmicas, pode se revelar como fator importante para o diálogo inter-religiosos, a apreciação da poesia mística-erótica dentro de espaços acadêmicos e lugar de encontro de dissidências amorosas e religiosas.

Este trabalho, buscando aliar aspectos importantes sobre o desejo e seu entendimento em espaços de fé, manifesto em literaturas de caráter místico-erótico, se apropria de uma diversidade de perspectivas no que tange ao olhar sobre as simbologias do corpo, do prazer e suas manifestações em espaços devocionais. Segundo Jung, o desejo, mesmo negado, é o espaço da vida e do ser senhor de si. Uma perspectiva que se coaduna com a pesquisa ora pretendida. É o desejo a fonte

motivadora para a individuação. Aspecto que nos parece destacado no caminho literário dos autores e obras que abordamos neste corpus de pesquisa.

Não é pouca coisa admitir seu desejo. Muitas pessoas precisam para isso de um esforço especial de sua lealdade. Muitos não querem saber onde está seu desejo, pois lhes parecia impossível ou por demais doloroso. E apesar disso, o desejo é o caminho da vida. Se não admities teu desejo, não segues a ti mesmo, mas trilhas caminhos estranhos, prescritos por outras pessoas. [...] (Jung, O Livro Vermelho, página 168)

A senda do Neutro, apresentada por Bhartes (2003) nos servirá como caminho orientador, como propulsor da dissidência e de um olhar que rejeitando a centralidade e ideário platônico, nos possibilita releituras e reescritas, que literárias, são também da vida e sua posição. É possível então, que nesta jornada se desenrole uma busca pelas “virtudes do neutro” e assim como escreveu Bhartes, abstendo-nos de corrigir.

“Quero dizer: O Neutro, o sujeito no Neutro abstém-se de assumir uma atividade de “correção” em relação ao trabalho dos outros; por exemplo: não quer ou não sabe fazer os outros trabalhar, fazer, “retrabalhar” um manuscrito - “passei a vida a não fazer os outros trabalhar” - é ‘egoísta’? Provavelmente, pois o Neutro nunca se conforma a nossa imagem do altruísmo, do dever. No entanto, pensar:

- 1) a densidade do dogmatismo que há em toda correção; a dose de apropriação (assumir o lugar do outro): sob o manto da correção, faço dos outros, que produziu o trabalho, um simples procurador de meus próprios valores;
- 2) Oriente, caligrafia: o mestre não corrige, realiza em silêncio diante do aluno o que o aluno deve realizar sozinho aos poucos.

Assim sendo, além do autor antes citado e como nos referimos anteriormente, desejamos um percurso não dogmático e interdisciplinar percurso para abordar aspectos da produção literária proposta no corpus escolhido. Este recorrer a um olhar amplo como fundamentação para a análise de obras literárias diversas em tempo e lugar, se nos apresenta como apropriado para superar um quadro meramente de influências e desvelar as obras tanto em sua riqueza artística,

quanto em sua importância devocional, sem perder seu caráter de dissidência que fundamenta nossa análise. É vasta planície, talvez insuperável e ao longe, o que cobiça o desejo: As montanhas sinuosas dos corpos, dos poemas, dos fluidos amorosos. Aqui rejeitamos a censura alegórica e seu medo do sexo, do vinho, da carne da amada e do amado e nos lançamos em busca, em ronda desenfreada, quem dera, apaixonante.

Preliminarmente, e para que esteja claro ao leitor nosso percurso, definimos aqui como ideário platônico aquele que se assenta na perspectiva de que há uma ideia (referencial) e tudo o mais se relaciona com a mesma de forma hierarquizada e subordinada, sendo uma cópia imperfeita do ideal. Quanto mais nos afastamos deste referencial, mais nos tornamos cópia de cópia e maior é a imperfeição. Essa perspectiva, coloca a canonicidade como o referencial e as dissidências como a imperfeição que se afasta de um centro agregador. Na visão que adotamos, lendo livremente o Neutro e suas cintilações, toda dissidência é em si mesma um referencial e as relações entre canonicidade e dissidência ou entre dissidências não são hierarquizadas, nem dependem de uma voz central, antes se apresentam enquanto rizoma.

2 A Primeira Pista ou Preliminares

Segundo Denzin e Lincol (2006) a pesquisa qualitativa nasce no campo da sociologia e da antropologia como uma resposta às metodologias causais do positivismo que desconsideravam aspectos da subjetividade dos indivíduos, na análise dos fenômenos sociais. Esta metodologia de pesquisa, sendo aos poucos aceita por diversos campos do saber, como a história, pedagogia, medicina, tem assim sua validade aceita dentro dos espaços de pesquisa e torna-se um importante método de entendimento e análise em trabalhos que primam pelo entendimento do outro e de sua subjetividade. Para estes mesmos autores, a pesquisa qualitativa se caracteriza por ser uma abordagem interpretativa do mundo que procura entender os fenômenos pelos significados que as pessoas a eles conferem.

Este projeto se servirá desta metodologia de pesquisa para lançar um olhar sobre obras e autores diversos, das religiões de matriz abraâmicas, que

considerados como dissidentes, manifestam em literatura uma síntese entre o desejo e a devoção construindo ora em prosa ora em poesia um rico acervo literário daquilo que aqui mencionamos como literatura místico-erótica.

Neste primeiro momento apresentamos em brevidade o olhar da hermenêutica judaico-cristã sobre o Cântico e como este olhar se espraia para as demais poesias místico-eróticas escritas em espaço de fé. Do judaísmo para o cristianismo, temos uma mudança de personagem, mas não de perspectiva. Ambos apresentam o Cântico como uma alegoria de relações, um binarismo que pode ser assim configurado: lahweh-Povo de Israel / Cristo - Igreja=Povo de Deus. Segue-se a isso uma clara rejeição das leituras eróticas e uma supervalorização do binômio amoroso deus-homem, em detrimento dos possíveis mulher-homem, homem-homem, mulher-mulher. Estas hermenêuticas vão fundamentar a leitura alegórica do Cântico e rejeitar de maneira decisiva uma perspectiva cujo foco esteja no amor humano, nas relações carnavais e no desejo.

As hermenêuticas judaica e cristã, referindo-se ao Cântico, geralmente se assentam naquilo que em exegese ficou conhecido como *Sitz in Leben*, uma expressão alemã normalmente entendida como espaço vital. Há portanto, aqui, uma dupla interpretação, dependendo da filiação religiosa e do lugar em que se encontra o sujeito. O judaísmo e o cristianismo vão apresentar leituras já divergentes, mas reveladoras deste 'pertencimento'. A convergência entre as mesmas se dá na abordagem alegórica e na rejeição dos aspectos eróticos presentes no Cântico. É atribuída a Rabi AKiva, grande erudito judeu e intérprete dos textos sagrados, uma reprimenda (presente na Tosefta - suplemento a lei oral judaica) 'contra aquele que entoar o Cântico dos Cânticos na sala do banquete, como se fosse uma canção qualquer, pois não terá parte no mundo que vem". Essa interdição dá vida futura, dirigia-se não ao uso alegórico e religioso do Cântico, mas a leitura profana do mesmo. O uso do poema fora do ambiente religioso e da interpretação oferecida pelo mesmo, começa a ser assim, fortemente restringido.

O cristianismo tendo deslocado a alegoria do binômio lahweh - Povo de Deus, para Cristo - Igreja não deixou de adotar a perspectiva advinda dos espaços religiosos judaicos quanto ao uso do Cântico na liturgia e restrição da leitura erótica do mesmo. Há de certa forma uma atualização da proibição e uma apropriação do

poema, como ademais de todo o chamado antigo testamento, para uma hermenêutica que satisfizesse as comunidades cristãs nascentes que, vindas do judaísmo, buscavam uma interpretação própria sobre sua experiência religiosa. A hermenêutica cristã, em seu longo desenvolvimento, beberá, além das fontes judaicas, do helenismo, que nas leituras platônicas de Santo Agostinho, encontrará seu ápice. Platão foi um dos que separou o corpo do espírito, subordinando o primeiro ao segundo, rebaixando-o, de certa forma. Judaísmo e Cristianismo adotarão esta perspectiva e debaixo da mesma construirão seus olhares sobre o Cântico dos Cânticos. Embora alguns estudiosos destas religiões defendam, hoje, um olhar sobre o poema que abarca também o erotismo ali presente, são estes minoria e a visão apresentada não se afasta da heteronormatividade dos prazeres e do lugar social correto para o mesmo. O prazer erótico heteronormativo e uma leitura erótica do poema são possíveis, dentro do casamento.

Ainda dentro do cristianismo, concordam com a leitura alegórica e a supressão do erotismo do poema, tanto católicos quanto protestantes. Não deixa de ser irônico perceber como as grandes diferenças entre estas crenças sucumbem diante de um inimigo comum: Um corpo repleto de prazer e desejo que não é mero sustentáculo de um espírito imaterial desencarnado. Católicos e protestantes se juntam num sofrimento repressor que refreia o gozo e enche a taça de culpas.

O catolicismo tem em duas figuras virginais (Jesus e Maria) sua principal referência e totem, estando portanto a sexualidade e o prazer subordinados a este ideal. É sabido que os sacerdotes católicos adotam o celibato como forma de vida e são inúmeros os escritos da igreja católica que elogiam o mesmo, colocando-o num lugar superior ao matrimônio que tem a sexualidade como uma necessidade voltada a procriação. É pois daí que derivam as leituras do Cântico presentes na igreja católica e a interpretação que vetou o erotismo.

O protestantismo vem a reboque de catolicismo, helenismo e judaísmo e como herdeiro destas tradições, herdou também as desconfianças das mesmas quanto ao corpo e a sexualidade. Sua imensa diversidade de denominações, não configurou uma diversidade de leituras sobre a sexualidade e o prazer. O comportamento moralizante de certo e errado e as restrições quanto às práticas amorosas que não se coadunam com a heteronormatividade estão fortemente

presentes no protestantismo. A tradição cristã, católica ou protestante, criou para si mesma um dilema do pecado original e ligou o mesmo a tudo que se refere a sexo. Este caminho é uma diretiva interpretativa não fácil de ser superada, embora necessária se a plenitude humana é um valor a ser considerado. Assim, podemos dizer que a tradição judaico-cristã desenvolve uma hermenêutica profundamente restritiva e negativa sobre o desejo e o prazer colocando as coisas divinas e eróticas como inimigas.

Aqui é interessante perceber como os líderes religiosos, useiros em leituras ao pé da letra, promovem um embate teórico para que a leitura do Cântico seja o mais metaforizada possível. Qualquer coisa que lhes pareça literal, que revela que “seios, são seios”, “pernas, são pernas” e “fendas, são vulvas” e não o amor de lahweh por Israel, lhes parece um anátema, uma ofensa. O patriarcalismo destas lideranças não é de menor importância para a quase completa eliminação da personagem mais importante do Cântico: Uma mulher.

Estas hermenêuticas privilegiam um olhar metaforizado para o Cântico e deste, para toda poesia mística-erótica que se produziu em séculos. As ortodoxias religiosas revelam grande dificuldade em lidar com o desejo entre as pessoas como coisa bela e de grande importância e de ver o corpo não como lugar de dores ou de pecado, nem mesmo como corpo místico, mas como lugar e força do desejo carnal, transcendente em si mesmo, inebriante e prazeroso, não sujeito aos ditames de uma moral reducionista que desagrega o indivíduo e o coloca em constante batalha contra seu próprio corpo. É nosso intuito, portanto, apresentar o Cântico sobre um outro viés, onde as imagens explícitas não diminuem em nada sua força poética, erótica e mística, antes colocam em movimentos estas mesmas chamadas e se reintegram ao que nos parece ter sido o propósito inicial de sua escritura. Não desenvolveremos algo a mais sobre a hermenêutica e as obras de Rumi e Teresa D'Ávila, herdeiros que são desta tradição abraâmica e sua interpretação, criam e se debatem entre alçar voo ou sujeitar-se ao que veio antes deles. Na poesia esta cisão interna é perceptível, este embate corpo-alma se faz valer e aqui também o olhar dissidente se apura.

Tanto Teresa quanto Rumi viveram grandes paixões mundanas. Teresa em seu Livro da Vida relata suas aventuras e o quanto tem sofrido e rejeitado

fortemente seu passado que ela mesma considerava um erro. Rumi, cuja natureza do amor por Shams de Tabriz é incerta, sofreu duramente quanto este místico errante o abandonou. Não afirmamos que qualquer um dos dois viveu uma vida devassa, e nada temos contra vidas devassas, mas que certamente não eram alheios aos prazeres do mundo e souberam em vida e obra desfrutá-los. O quanto destes prazeres vai sublimado em poesia não sabemos.

2.1 Leitura de imagens.

Roland Barthes apresentou em 1978, no Collège de France, num período de treze semanas, um curso que ele denominou “O Neutro”. Neste, Barthes desenvolve uma perspectiva sobre o neutro em diferentes figuras, que expostas aleatoriamente, vão descortinando as dimensões sobre o Neutro. Partindo de algumas delas, tentaremos nos aproximar destas poesias escolhidas e entender como podemos reler as mesmas numa outra perspectiva, não canônica ou hierarquizada. Para tanto precisamos entender alguns aspectos importantes das abordagens que normalmente se apresentam para a leitura dos escritos místicos e como o conceito de Barthes pode nos ajudar a abrir o leque de possibilidades de leituras. As obras religiosas obedecem, salvo os escritos apócrifos, uma dupla canonicidade, oficial e oficialasca. A primeira advém da regulação institucional, definida explicitamente e colocada em “regra”; a segunda às vezes mais atemorizante é a que abraça o beneplácito da maioria, do acordo tácito entre os crentes, a que também não permite, ou tem um espaço limitado, aceitável, para questionamentos. A visão oficialasca é imagem platônica da visão oficial (ideal), sua relação de maior ou menor ‘pureza’ conecta-se com o modelo e dele retira sua força e perenidade. E assim, imagens das imagens, estão cada vez mais distante da matriz, porém, mantém sua subsistência da relação hierarquizada estabelecida neste processo. Sua razão de ser permanece sendo a ideia, da qual não podem se desprender. Alguma divergência é aqui possível, mas os laços substanciais impedem uma plena liberdade, um rompimento. É um caminho não rizomático, não é possível explosão vital fora do paradigma raiz-tronco-galhos. A uma coisa segue-se necessariamente outra numa relação de dependência.

Das figuras trabalhadas por Barthes , no seu curso, escolhemos 'O Silêncio', 'O Adjetivo', 'Os Ritos' e o 'Wu Wei'. Passamos agora a apresentar cada uma delas, ou melhor dizendo, como as apreendemos na leitura e de que modo conduzirão nossa análise do corpus. A análise propriamente dita será desenvolvida no capítulo seguinte. Aqui trataremos de entender melhor essas 'cintilações' propostas pelo autor como esboços e manifestações do Neutro e sua aplicabilidade na leitura dissidente que nos enredamos.

'O Silêncio' é uma das figuras ou cintilações que Barthes apresenta. Sua estrutura - se é que podemos falar em estrutura do silêncio - vai mais ou menos por estes meios: Um silêncio que é calar-se, mas que não é tranquilidade:

"Na língua clássica, a mesma coisa: calar-se, silenciar. Mas antes, nuance interessante: *tacere* = silêncio verbal**silere*: tranqüilidade, ausência de movimento e de ruído. Emprega-se para os objetos, a noite, o mar, o vento. --+ Donde belas metáforas usuais: a lua no declínio, tornando-se invisível; o rebento ou o sarmento que ainda não apareceu; o ovo que ainda não chocou: *silent*, *sileunt*." (Barthes 2003,p 49)

Essa nuance do silêncio entre a palavra e a natureza, a ausência de movimento, uma espécie de expectativa e espera, carrega uma cintilação do Neutro. Antes do silêncio, vem o problema da fala que é um problema do poder e do direito de falar - *Isegoria*- segundo Barthes (2003 -pg53). Ele retoma a palavra grega para tratar sobre o direito à fala, mas também sobre o direito ao silêncio. Podemos inferir desde já sobre o que nestes poemas foi silenciado.

Sobre 'O Adjetivo' Barthes começa por apresentar sua ambivalência, o que nos parece muito adequado ao nosso olhar. Esta ambivalência que adjetiva as coisas em busca de uma qualquer substância, uma excelência e unicidade do ser amado parece ter sido não só neste corpus, mas em muito do que se escreveu sobre o amor, o caminho predileto. Imagens duais de sol e luz, claro e escuro, seco e úmido, perdido e encontrado são vistas em profusão em romances amorosos. Vejamos o que escreve Barthes:

A) Do ponto de vista do valor (valoração, fundação de valores), ou seja, em relação ao desejo de Neutro, que é o fundamento deste curso, a situação do adjetivo é ambivalente:

1) Por um lado, como "qualificante", ele se cola a um substantivo, a um ser, ele "gruda" no ser: é um super qualificante, um epíteto : posto sobre, acrescentado a: ele sela o ser como uma imagem imobilizada, encerra-o numa espécie de morte (epithema: tampo, ornamento de túmulo). Nesse sentido, é um contra Neutro poderoso, ° próprio anri-Neutro, como se houvesse uma antipatia de direito entre o Neutro e ° adjetivo".

2) Por outro lado, exatamente o oposto, na tradição filosófica grega, o adjetivo se une ao Neutro (ao artigo: to) para visar o ser; frequente em Heráclito: ° seco, o úmido etc., retomado constantemente nas línguas românicas (com artigos): o verdadeiro, o belo etc.: ver abaixo "o gênero neutro:" - e bem ressaltado por Blanchot quando quis teorizar o Neutro. Em suma, quando quer exprimir o Neutro da substância, a língua (com artigos) não encontra o substantivo, mas o adjetivo, e ela o desadjeriva com um artigo no neutro: ela combate o adjetivo com o substantivo (criado pelo artigo), e o substantivo (o que segue o artigo), com o adjetivo. (Barthes 2003 .Pg 112)

Parece-nos que este combate com palavras que ao referir-se ao ser amado e a sua exclusividade se utiliza ora da adjetivação ora do substantivo acompanhado do artigo, nos leva à impotência da representação com palavras daquilo que para quem ama parece escapar às mesmas. No senso comum o 'ficar sem palavras', 'ficar de boca aberta' é uma espécie de ápice da impotência e do encantamento diante das coisas belas ou espantosas, mas lidamos com uma linguagem que fala, que utiliza exatamente dos recursos negados pelo senso comum para dizer e dizer melhor. A poesia mística-erótica não escapa a esta ambivalência e a escolha feita pelos autores é também um sinal de prevalência e importância do ser amado.

É o amor um rito, por mais simples que seja. As semelhanças no nosso amar são ancestrais e possivelmente estão ligadas a nossa própria estrutura psíquica e biológica. Todo amor já é um pouquinho de prazer e as divisões 'gregas' sobre o mesmo - fraternal, erótico, ágape - muito mal escondem uma hierarquia e uma vontade moral de dizer o que é e o que não é aceitável em cada sorte de amor. Assim, mais prazer carnal é possível em eros e menos em ágape. O amor fraternal sofre uma dualidade entre o interdito e o intercuro sexual e prazeroso entre amigos. As relações com a pessoa amada são também relações de 'amigo'. O amor é um jogo de regras.

Por quê? Para que haja liberdade, é preciso que haja um pouco de proibição: esse pouco de regra na qual assenta a cerimônia: rito. Cerimônia = disposição à regulação; na ordem afetiva, a "purificação" de roda cerimônia --+ espécie de roda livre = deserto Ou tempestade (explosão afetiva). A cerimônia (por exemplo aniversário) protege como uma casa:

algo que oferece morada ao sentimento. Exemplo : o luto: o momento "catastrófico" do luto (o primeiro momento dramático) é em certo sentido mais fácil de agüenrar, porquê da catástrofe encarrega-se, ainda que muito mal, uma cerimônia coletiva, que age como verniz, protege, isola a pele das queimaduras atrozes do luto; em seguida, é o deserto. atroz porque dele não se encarrega nenhum rito, exceto os aniversários --+ único rito público desejável: o que cerca a morte, ajuda o vivo (aliás, lamentável nas sociedades modernas) --+ utopia: toda uma comunidade cercando o indivíduo que fica --+ na vida é preciso um pouco de simbólico; bom uso do obsessividade ---> muito simbólico afasta do Neutro, mas um pouco aproxima dele. (Barthes 2003 pág 255).

Essa aproximação entre Neutro e Rito, a relevância do simbólico é importante para a compreensão da dissidência não como uma dessacralização do alegórico ou metaforizado, mas como uma ressignificação do logos do desejo, das coisas consideradas inferiores por carnis e não intelectualizadas. Esta aproximação rompe o paradigma da excelência do intelecto em favor de todas as outras experiências, entre elas o êxtase.

O '*Wu Wei*' é parte integrante da grande tradição Taoísta, sendo de certa forma, sua essência e configuração primordial. Barthes assim se utiliza de uma figura oriental e procura encontrá-la nas manifestações culturais do ocidente. Antes, porém, precisamos entender o que a expressão afirma, ou mais precisamente como Barthes a entendeu e aplicou em seu curso. Vejamos:

Na origem remota deste curso (ou pelo menos numa das origens, pois as origens são inextricáveis: fixidez da matéria da escrita: assombrosa. Em certo sentido, o curso: remake de O grau zero da escrita) - portanto, uma das origens: impressionado pelo Querer-viver rer-viver de certas personagens de romance: inicialmente, Charlus (querer-viver, querer-desejar, querer-agarrar implacável. até a loucura, até a morte), depois das mulheres dominadoras: Mm, Verdurin, Mm, Josserrand" (Pot-Bouille). -t Eu pensava, pensando nos outros, naqueles que me cercam: no fundo, toda "psicologia", descrição, conhecimento, avaliação do outro resume-se a: em que consiste seu querer-viver? Em que estilo. em que qualidade? Como suporto o querer-viver . do outro? (Barthes 2003. Pg 361).

Há aqui algumas questões importantes para nossa análise. O querer-desejar esbarra com o querer-desejar do outro e ao mesmo tempo o afirma, pois sem ele, sem este encontro, não pode subsistir. Assim, a busca desesperada que pode se traduzir em morte, pelo outro, choca-se num paradoxo que se revela no

Wu Wei - um não agir. Esta passividade não é desinteressada, mas repleta de interesse, busca uma harmonia perfeita com o *Tao*, o princípio perfeito, a coisa amada. O Paradoxo se instala entre os espaços do passivo/ativo, do querer/desejar, do eu/outro, do agir/não agir. Neste intercurso se faz o Neutro ou uma cintilação do mesmo. A busca e a espera dilaceram os amantes. As imagens do êxtase de Santa Teresa, escultura de Bernini - em anexo - explicitarão este não agir que se faz presente entre o anjo, figura de eros, e a santa. Há um curso natural das coisas ali e *Wu Wei* é também a não tensão desnecessária. É deixar que as coisas, eróticas ou não, sejam como são.

2.2 O Neutro - Um Terceiro entre os amantes

Tendo pois escolhido estas imagens ou cintilações, segundo Barthes, resta-nos ainda considerar o que estamos falando, quando falamos do Neutro? Como esse indicativo pode aclarar este caminho, que se pretende aberto, para um outro logos do desejo em poesia? A percepção sobre o neutro nos coloca em outro lugar de leitura e reescrita, vejamos como Barthes define, ou melhor dizendo refere-se ao mesmo e ao paradigma.

“Vou dar, já de entrada, o objeto deste curso, seu argumento. A) Defino o Neutro como aquilo que burla o paradigma, ou melhor, chamo de Neutro tudo o que burla o paradigma. Pois não defino uma palavra; dou nome a uma coisa: reúno sob um nome, que aqui é Neutro. Paradigma é o quê? É a oposição de dois termos virtuais dos quais atualizo um, para falar, para produzir sentido”. (Barthes 2003, pág 16).

Temos pois o Neutro como um questionamento do paradigma e este como uma oposição entre termos. Esta abordagem de ambos os conceitos, nos é imprescindível na busca por um terceiro caminho entre a literalidade e a alegoria, uma polissemia gestada no Neutro e não apesar dele. Esta perspectiva nos anima a olhar os poemas sem nada retirar do que neles está posto, de suas tradições e leituras, mas, e aqui está nosso desafio, promover a simbiose com o que lhes foi retirado. Precisamente, o prazer do corpo, o gozo. Barthes segue com exemplos:

Exemplos: (...) mas há oposições semânticas: branco versus preto. Em outras palavras, segundo a perspectiva saussuriana, à qual, nesse ponto,

continuo fiel, o paradigma é o móbil do sentido; onde há sentido, há paradigma, e onde há paradigma (oposição), há sentido --+ dito elíptico: o sentido assenta no conflito (escolha de um termo contra o outro), e todo conflito é gerador de sentido: escolher um e rejeitar outro é sempre sacrificar ao sentido, produzir sentido, dá-lo a consumir.(Barthes 2003.pág 17).

As oposições semânticas apontadas por Barthes são abundantes na poesia mística-erótica, diria na verdade que são o cerne desta criação, visto que a mesma se desenvolve em oposições: Deus-Homem, corpo-alma, homem-mulher, prazer-pecado. A busca de sentido se faz, deste modo, num embate entre 'sujeitos', desejos e repulsas e numa escolha de valorizar um pólo em detrimento do outro. Barthes porém apresentará o Neutro como um terceiro' estrutural que desafia esta polaridade.

2) Donde a idéia de uma criação estrutural que desfaça, anule ou contrarie o binarismo implacável do paradigma, recorrendo a um terceiro termo --+ o tertium.(...) 3) Dou uma definição do Neutro que permanece estrutural. Quero dizer com isso que, para mim, o Neutro não remete a "impressões" de grisalha, de "neutralidade", de indiferença. O Neutro - meu Neutro - pode remeter a estados intensos, fortes. inauditos. "Burlar o paradigma" é uma atividade ardente, candente.

Chegamos assim a uma compreensão do Neutro em Barthes como algo que burla o paradigma, sendo este uma oposição ao binarismo e, que abre outras relações de sentido e compreensão numa busca que é conflito, se configurando, O Neutro, como um terceiro e sendo buscado em figuras ou cintilações que nos auxiliam na 'apropriação' do mesmo. Esta busca se afasta da 'neutralidade' do senso comum, que também não deve ser entendida como o *Wu Wei* = não agir presente no *Tao*. Nos parece que a mesma se dá em um caminho do questionamento que ainda não se configura como uma nova tese, nem pretende, mas se encaminha para uma simbiose ou pluralidade. Partiremos assim, desta relação de simbiose e com o apoio das figuras que escolhemos para analisar os poemas do nosso corpus. Aqui, além dos trechos do Cântico dos Cânticos, lançaremos um olhar sobre um poema de Mawlana Rumi e outro de Santa Teresa.

Nos anexos há outros poemas destes autores que embora não sejam objeto de nossa análise podem ajudar a ampliar a compreensão sobre autores e obras.

3 -Sobre o Corpus

Diante de uma mesa com infinitas possibilidades pode passar fome aquele que não encontra uma solução entre o desejo e o paladar. Diante de tantos amores, fica sem nenhum. Este perigo, coisa incerta, parecia se apresentar visto a vastidão literária presente, nomeadamente, em Rumi e Teresa de Ávila. Se o Cântico é um livro/poema relativamente curto, o mesmo não se dá com os dois autores que, apresentam uma imensa obra em prosa e verso, com discursos, cartas, recomendações administrativas e descrição de êxtases, entre outras possibilidades. Se abandonarmos a idéia, já bastante gasta que só os gregos são filósofos e admitirmos uma maior gama de possibilidades para esta categorização, podemos também afirmar que ambos são tanto poetas, quanto filósofos, pois, de suas escritas se desprende um pensamento, uma ordem própria, uma ética, uma filosofia. A escolha do Corpus em meio a este manancial gera um conflito e a dúvida se as escolhas são as mais acertadas, permanece. Nosso desejo é que esta escolha permita um vislumbre que seja desse pensamento e da longa jornada que os autores empreenderam. Ambos tiveram vidas ricas em aventuras e nos deixaram uma obra tão significativa quanto pouco conhecida. Assim, o que vai neste trabalho não é qualquer argumento em defesa de um poema e rejeição dos demais ou que coloque essas obras escolhidas num lugar de superioridade mas, apenas uma junção entre as possibilidades de reflexão e o alumbramento.

Este trabalho é fundamentalmente sobre isso, reflexão e alumbramento. Aqueles que porventura conheçam as obras e autores aqui trabalhados, talvez sintam falta de alguns aspectos, de outros textos relevantes. Peço perdão. Não há uma senda fechada, navego por oceanos.

O Corpus escolhido é uma seleta de poemas constituídos pelo prólogo e dois capítulos do livro Cântico dos Cânticos, de autoria incerta, mas atribuído a Salomão e parte integrante do cânone bíblico; Um poema de Santa Teresa de Jesus de Ávila, feira carmelita e escritora do século XVI e um poema de Jalaluddin Rumi,

místico do século XIII adepto do Sufismo, corrente mística presente no Islã. Analisaremos trechos do Cântico e um poema de cada autor. Outros poemas serão acrescentados num anexo para melhor percepção deste universo amoroso em que estavam mergulhados.

Há na escolha uma dupla visada que considera tanto a importância literária dessas obras como o horizonte de leituras possíveis, sob outro paradigma e cujo potencial de diálogo e apreciação estética e amorosa este trabalho pretende descortinar. Não, obviamente, como quem esgota o tema, muito ao contrário, como quem o toca de relance, com suavidade e como um convite. A análise das obras, mesmo sendo estas um fragmento dentro de imensa produção, nos possibilitará conhecer um pouco, quiçá o essencial dos caminhos trilhados por estes autores.

3.1 Cântico dos Cânticos

O Cântico dos Cânticos, chamado também de Cantares e atribuído a Salomão é um dos pequenos livros do cânone bíblico do bloco chamado de livros sapienciais. Sua leitura parece ter sido destinada para ocasiões festivas de bodas e considerada literatura profana. As informações sobre sua redação e como tal livro chegou ao cânone, não fazem parte deste trabalho, assim também o questionamento sobre sua autoria e uma possível autoria feminina do mesmo. Sabemos, entretanto, que a prática de atribuir a Salomão sua autoria é pouco fundamentada sendo justo pensar que a mesma se dá como tentativa, bem sucedida, de preservar a obra, atribuindo-lhe a autoria a alguém de relevo social. Esta prática não era incomum na antiguidade. Aprofundamentos sobre estas questões podem ser benéficos para quem desejar um trabalho de maior vulto sobre o Cântico. Aqui pretendemos nos ater a aspectos literários e paradigmas de leitura em trechos, que nos ajudem a elaborar uma visão não centralizadora e hierarquizada. A dificuldade de abertura para interpretações divergentes é causa comum institucional e pode ser percebida na citação abaixo, presente na introdução da tradução que utilizaremos neste trabalho:

Este livro, que emprega a linguagem de amor apaixonado, causou espanto. O nome de lahweh só aparece nele sob forma abreviada, lah, em 8,6, “uma chama de lah(weh)”. No século I de nossa era os judeus cantavam o Cântico nas festas profanas de casamento e continuaram a fazê-lo, malgrado a interdição feita por Rabbi Aqiba. Nos meios judaicos foram levantadas dúvidas sobre a canonicidade do Cântico e foram resolvidas pelo apelo à tradição. É fundando-se sobre esta que a igreja cristã recebeu sempre o Cântico como Escritura santa.

Não há livro no antigo testamento do qual tenham sido propostas interpretações mais divergentes.

Procurou-se a origem do Cântico no culto de Ishtar e de Tamuz e nos ritos antigos de matrimônio divino, de hierogamia cultural, que se supõe realizados pelo rei, substituto de deus. Tal ritual, tomado dos cananeus, teria sido praticado também no culto de lahweh, e o Cântico seria o livreto expurgado e demitizado dessa liturgia.

Essa teoria cultural e mitológica é inaceitável, pois é impossível imaginar um crente israelita que copiasse essas produções de uma religião da fecundidade, tantas vezes denunciada por todos os profetas (Is, 7, 10; Jr 7, 18; Ez 8, 14; Zc 12, 11), a fim de tirar dela cantos de amor. Se há semelhanças entre os hinos a Ishtar ou a Tamuz e o Cântico, é porque uns e outros falam a linguagem do amor.

(Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002, pg. 1086)

Percebemos nesta longa citação alguns aspectos da dúvida quanto à canonicidade e origem do Cântico, sendo afastada, sem mais, que o mesmo seja reescrita de mitos da fecundidade, particularmente da deusa Ishtar. À dificuldade do editor bíblico de aceitar uma tal versão são acrescentadas informações de proibições feitas por diversos profetas israelenses. Ora, este recurso parece antes confirmar a comunhão do Cântico com os rituais de fecundidade, ademais não se proíbe aquilo que não é de uso. Além disso é bom não descartar de forma sumária o fato que Abraão, o patriarca, tinha origem na Mesopotâmia e a deusa Ishtar também.

Não sendo, entretanto, objeto deste trabalho, deixo aqui estas questões e a instigante dúvida sobre a autoria feminina do Cântico, num espaço também de divindades femininas que se veem suplantadas pelo deus “único”. Passemos para o nosso Corpus.

O Cântico é um poema dramático, composto de Prólogo, dez poemas e um Epílogo. Esta estrutura está distribuída no texto bíblico em oito capítulos. Os personagens se revezam, O Amado, A Amada, Os pastores. Quase sempre afirmados em primeira pessoa, os poemas são elogio e procura, paixão e perda, as

intervenções de um narrador, quando há, são breves e reafirmam o amor ao questionar sobre os amantes.

Para nossa análise tomaremos o Prólogo, o terceiro e o sexto poemas. Há certa arbitrariedade na escolha, o que não impede de modo algum, antes espero o contrário, que desperte o interesse em conhecer toda a obra, o olhar que proponho sobre estes fragmentos. Seguem abaixo:

Prólogo

Que me beije com beijos de sua boca!
 Teus amores são melhores do que o vinho
 O odor dos teus perfumes é suave.
 teu nome é como óleo escorrendo
 e as donzelas se enamoram de ti...

O Cântico começa imediatamente com um apelo/chamado e uma descrição dos 'amores' da pessoa amada. Um eu lírico feminino passa a discorrer sobre o amado e a sinestesia que sua presença provoca. O tato, o paladar, o olfato são aqui requisitados, os sentidos, vistos como coisa baixa pela tradição platônica que hierarquiza os seres em partes mais e menos elevadas, são no Cântico o primeiro requisito. Podemos dizer que há uma convocação ao amor, através dos sentidos e os 'beijos de sua boca', no plural são esta superabundância. Uma volúpia que não faz rodeios, se apresenta no primeiro verso.

O vinho vem logo em seguida. Figura icônica da fertilidade, as videiras e seu fruto estão para a paixão como os amantes. Gostaria, entretanto, de chamar atenção para um detalhe importante: O Cântico não faz qualquer menção, neste momento, sobre a relação entre os amantes, se esposos ou não mas, ao apresentar os 'beijos-amor' antes e melhores que o 'vinho-fertilidade', desloca de imediato a compreensão de que o amor deve estar conectado a uma fertilidade de reprodução. O amor não tem função alguma, se não a de amar. O vinho-fruto o acompanha, mas de modo algum o define, vem depois. É aqui que um outro binarismo de base religiosa se apresenta. São conhecidas as posições das religiões quanto a reprodução e o prazer feminino - quero sempre lembrar que a principal voz do

Cântico é feminina - A mulher é negado o desejo, o prazer, o gozo. Seu amor deve ser uma devoção aos filhos, a mulher não deve ter volúpia, arder. O Cântico, nos parece iniciar exatamente por jogar estes princípios no chão. É seu primeiro embate, a primeira cintilação do Neutro.

Arrasta-me contigo, corramos!
Leva-me, ó Rei, aos teus aposentos e exultemos!
Alegremo-nos em ti!
Mais que ao vinho, celebremos teus amores!
Com razão se enamoram de ti.

Na segunda estrofe do prólogo seguimos com uma fuga, um desvario de amantes. Essa atitude se tornará reveladora da liberdade da amada. É seu desejo ir aos aposentos do 'rei' e celebrar, mais uma vez o amor antes do vinho-fruto. Esse 'antes' não nos parece uma relação de causalidade como algo que vêm antes de e é, causa de outra coisa mas, de substância, precedência em valor. Assim, nestas duas estrofes um eu lírico feminino afirma o desejo, a volúpia e a liberdade de seus prazeres com o outro sem, contudo, requerer qualquer posse ou compromisso que não seja o de amar. Os dois versos que encerram as estrofes anunciam que outras se enamoram do amado e o faz reforçando assim suas qualidades, não o pertencimento a quem quer que seja. São nestas entrelinhas que nos acercamos do Neutro de Barthes, o Cântico começa já por burlar paradigmas das relações amorosas. De certa forma seu eu lírico libidinoso se coaduna profundamente com a liquidez amorosa de nossos tempos mas, o faz, num registro poético que enxerga o amor por seu valor em si, não por sua utilidade.

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman (2017) em sua reflexão sobre o amor e a modernidade vai nos deixar interessante questionamento sobre a utilidade' do mesmo e a construção que se dá em binômio indivíduo-comunidade. Partícipes de uma modernidade líquida nos equilibramos entre os desejos pessoais e a lealdade familiar, comunitária e social. Os sujeitos se debatem entre estas possibilidades sem encontrar uma definição clara de seu lugar no mundo. Talvez a liquidez que Bauman escolheu para fundamentar seu pensamento, seja também ela, por seu estado físico e metaforizado, uma cintilação do Neutro segundo Barthes. Não sabemos. O que

nos importa aqui é preconizar um eu lírico que inscrito em poema há séculos, se apresenta contemporâneo. O fato de ser feminino, só aprofunda sua relevância.

Terceiro Poema

procurei o amado de meu coração.
 Procurei-o e não o encontrei!
 Levantar-me-ei,
 rondarei pela cidade.
 Pelas ruas, pelas praças,
 procurando o amado da minha alma...

O terceiro poema remete-nos ao lugar da procura, da ronda desesperada pelo amado. Praças, ruas, a cidade, são uma totalidade da procura, uma disponibilidade plena pela busca. O paradoxo se apresenta, pois o ser amado pertence, mas não está. É 'o amado do meu coração' porém sua ausência exige uma ação, um levantar-se e rondar. Esta ronda amorosa em procura que o Cântico apresenta, encontrará eco com o giro dervixe em Rumi. Giro que também é procura, conexão com o ser amado. O binômio que podemos apresentar é entre o coração-cidade, interior-exterior, desejo - busca. Aqui se vislumbra uma figura, o Wu Wei. O não agir do Tao não é passividade, mas a não criação das tensões desnecessárias. O levantar-se da amada pode ser Wu Wei pois cumpre sua harmonia, seu destino, que é o que o termo encerra.

Procurei-o e não o encontrei!..
 Encontraram-me os guardas
 que rondavam a cidade.
 “ - Vistes o amado da minha alma?”
 Passando por eles, contudo,
 encontrei o amado da minha alma.
 Agarrei-o e não o soltarei,
 até levá-lo à casa da minha mãe,
 ao quarto daquela que me concebeu.

Wu Wei como princípio não deve ser confundido com o quietismo místico ou o não movimento, o não fluir. A água flui e é Wu Wei, ela contorna é 'acinturada', sinuosa. Assim, a amada precisa desviar-se dos guardas, das morais, dos padrões para introduzir o amado na cama da própria mãe. Há uma outra ronda, feita por terceiros que esbarra na procura da amada. Esta dupla busca, esta vigilância se dá internamente ou externamente. As muralhas são não menos que os tabus.

Filhas de Jerusalém,
pelas cervas e gazelas do campo,
eu vos conjuro,
não desperteis, não acordeis o amor,
até que ele o queira.

Uma outra figura que podemos aqui evocar é a do silêncio, como espera por um lado e mordança por outro. No poema o amor está adormecido, não deseja ainda, não se levanta. É assim como na figura de Barthes algo que se anunciará, uma aurora por vir ou um dia por fenecer. O silêncio é uma conduta amorosa, um não ruído, algo que ainda não é, sem deixar de ser. A amada aqui nos fala do tempo, da vigília necessária.

Um outro aspecto do silêncio está conectado com o poder, com a palavra e quem fala o quê. É neste sentido que o termo *Isegoria* aparece. Um direito de todos falarem na assembléia, um direito de tudo ser falado. Há silêncios de cumplicidades e apagamentos, também amorosos. O Cântico, ao ser visto apenas em sua forma alegórica, desconsiderando-se as relações amorosas do corpo, do sexo, se insere neste lugar de apagamento. Seus comentadores canônicos, ao escolherem este caminho, não silenciam á espera do nascimento, duma epifania de prazeres mas, amordaçam essa perspectiva também presente e mais antiga, no texto bíblico. A cintilação do Neutro em silêncio se configura como conflito de narrativas.

O sexto poema que escolhemos apresenta uma imagética erótica ainda mais explícita. Umidades, fendas, porta, maçaneta só escondem em jogo, nem um pouco puritano, que aqui se fala dos órgãos sexuais dos amantes, dos seus gozos. O painel que se afigura, de grande beleza, não pode ser entendido, a não ser que

se queira trair completamente o poema, como mera relação Deus - Israel ou Cristo-Igreja. Não parece coerente seguir esta linha interpretativa e negar ao mesmo tempo sua atualidade erótica presente nos corpos dos amantes. Um deus tão espiritual, incorpóreo, poderia facilmente ser representado por qualquer coisa que não lembrasse peitos e vulvas, pênis, sêmen e odores diversos. Defendemos assim que um olhar de prazer e sexo é o centro do Cântico e o sexto poema, o explícito. As alegorias não desaparecerão, mas ainda mais belas se tornariam se não silenciasssem este aspecto do amor. Afinal, como disse Teresa de Ávila (1998), não somos anjos. Passemos ao poema.

Sexto Poema

Eu dormia,
mas meu coração velava
e ouvi o meu amado que batia:
“Abre, minha irmã, minha amada,
pomba minha sem defeito!
Tenho a cabeça molhada
meus cabelos gotejam orvalho”

O coração está sempre desperto para a pessoa amada. O corpo dorme, repousa, descansa, ou fatigado se deixa vencer. O coração vigia, espera. É uma figura de silêncio que está no antes, no ainda não. A concretização do amor vem em seguida, no desejo ela se inicia. Enquanto a amada dorme, o amado bate à porta, imagem do sexo da mulher. O desejo se mostra em penetrar, ocupar o ser do outro, seu sexo. A umidade sobre os cabelos do macho são um cabelo molhado, mas evocam também sua lubricidade, sua sensualidade que no extremo, goteja, já não pode ser contida. Ambos são corpos desejantes. O poema inicia o jogo entre os amantes.

“Já despi a túnica
e vou vesti-la de novo?
Já lavei meus pés,
e os sujarei de novo?”

Lembremos da figura do rito e de como, segundo Barthes, um pouco do mesmo favorece o Neutro. Despir-se e vestir-se são rituais diários, mas também amorosos. Há, inclusive, para a prática do amor muitas vestimentas específicas, acessórios, objetos. O banhar-se completa o nosso rito amoroso, o 'de novo' que o poema apresenta nos leva a repetição comum das práticas rituais. Como se preparam os amantes, quais as prontidões necessárias, as palavras que funcionam como senha?

O poema apresenta uma deriva ritual, uma abertura para o jogo entre os amantes. Não os censura, pergunta como quem já tem a resposta entre sim e não. Um outro binarismo, no rito, o Neutro.

Meu amado põe a mão
pela fenda da porta
as entranhas me estremecem.
Minha alma ouvindo-o se esvai.

Algumas traduções bíblicas, particularmente da Vulgata de Jerônimo são muito mais diretas, não se fala em 'fenda da porta' mas, em 'coxas' referindo-se diretamente ao corpo feminino. Esta tradução, que usamos, conserva uma metaforização que não apaga entretanto o sentido. Se quis o tradutor bíblico esconder algo aqui, penso que fracassou. O amor alimenta-se também do mistério, um pouco do mesmo é quase essencial. A mão que alcança esta fenda, que faz estremecer e se esvaír é ato do desejo. Mãos e pés são imagens do falo, do membro viril. Ao orientar-se para uma 'fenda na porta' buscam a relação sexual entre os amantes.

Ponho-me de pé
para abrir ao meu amado,
minhas mãos gotejam mirra,
meus dedos são mirra escorrendo
na maçaneta da fechadura.

A amada é livre, desejante, seu corpo excitado e úmido se orienta para a sexo, se dispõe, por isso está 'de pé'. As imagens seguintes de mirra escorrendo e

mão na maçaneta da porta, de tão diretas são quase chulas. Sim, é possível uma polissemia, uma infinidade de vozes e leituras mas, pensamos rizomáticas e não esforçadas em apagar o que no poema vai com tanta força. Não se trata aqui de mera leitura mecânica, rígida e literal, pelo contrário, de uma outra possibilidade que plural, explode aqui e ali. A disposição para o sexo, sem nenhuma intenção de procriar - o poema não falará disso em momento algum - já fere o paradigma do corpo, principalmente do corpo feminino que para alguns, não deseja.

Abro ao meu amado
 mas o meu amado se foi...
 Procuro-o e não o encontro,
 Chamo-o e não me responde...
 Encontraram-me os guardas
 que rondavam a cidade,
 Bateram-me, feriram-me,
 tomaram-me o manto
 as sentinelas das muralhas".

Novamente o amor se faz em procura, em chamado. O silêncio cede lugar a palavra que configura uma busca, o desejo se mostra na iniciativa da amada em procurar. É a mulher que inicia o Cântico e o movimenta, não há restrições até aqui aos seus desejos e as que se configurarão, interna e externamente representadas em sentinelas e muralhas, não se mostrarão suficientes para abrandar seu amor ou seu desejo. O Cântico pode assim ser visto como um amplo espaço de liberdade do desejo, do feminino, da sexualidade. Nenhuma cisão corpo-alma ou sequer culpa aparece por aqui. Esta divisão do ser, profundamente platônica e hierarquizada não parece ser o caminho dos amantes. Esta leitura nos parece mais próxima de uma percepção total do amor e dos amantes, não cindidos, não constrangidos e nem tampouco alegoria de amor divino. Poderíamos ter aqui um conflito de construção de sentidos, segundo Barthes, um rompimento do paradigma corpo-alma e uma aceitação plena da totalidade amorosa.

Filhas de Jerusalém
eu vos conjuro,
se encontrardes o meu amado
que lhe direis?... Dizei
que estou doente de amor?

Por fim e, uma outra vez, a amada exerce sua voz e de maneira ainda mais premente anuncia seus sentimentos. O duplo olhar sobre a figura do silêncio nos é útil para compreender este amor que dorme e este amor que fala. O amor não submete, se repousa, está ali em potência, se fala, anuncia seus desejos. A presença das sentinelas e muralhas ficou para trás. O silêncio é também uma plena presença e o aparente paradoxo novamente burla o paradigma. A ronda é feita por todas e a doença do amor permanece.

Esse olhar que propomos para o Cântico, apoiado em figuras e na noção de Neutro apontado por Roland Barthes, nos parece um caminho que, junto aos demais olhares já estabelecidos sobre este livrinho pode abrir frestas numa ortodoxia renitente sobre o amor, o desejo e o sexo. Uma ortodoxia que reservou as alturas para coisas imateriais e imaginárias desprezando nossa carne fraca. É assim um olhar que como o Neutro, burla o paradigma ou se propõe a tal e como eco se faz presente nas leituras de outras obras místico-eróticas que beberam do Cântico, ainda que não o citem diretamente. As tradições cristãs e muçulmanas, todas de uma mesma 'família', todas se engalfinhando sobre a verdade, poderiam encontrar aqui uma leitura mais generosa sobre o desejo, menos 'verdadeira' e mais imaginativa. Não está também afastado do nosso pensamento a proximidade do Cântico com outras escritas eróticas que surgem em espaços devocionais como o Kama Sutra, por exemplo. Embora não seja este, objeto de estudo, neste trabalho, pensamos que a aproximação entre estas duas obras é não só possível como desejável.

3.2 Poemas de Rumi

Jalāl al-Dīn Muhammad Rūmī , também chamado de Mawlana, por seus seguidores, nasceu no ano 604 do calendário islâmico (30 de setembro de 1207 do calendário gregoriano) próximo da antiga cidade de Balkh em uma região de Khorāsān (atual Afeganistão) e morreu em 672 (17 de dezembro de 1273 no calendário gregoriano) em Konya (atual Turquia), onde se encontra seu mausoléu. Foi importante místico sufi, uma corrente islâmica sunita, nem sempre aceita, mas de preponderância espiritual, na qual a poesia, a dança e o transe se fazem presentes. A ele é atribuída a fundação da ordem dos Dervixes Rodopiantes presentes hoje, majoritariamente na atual Turquia e na Síria. A prática da ordem, de mover-se em constante rodopiar e transe religioso, ao mesmo tempo que encanta os que se deparam com ela pela primeira vez, nomeadamente os ocidentais, não deixa de suscitar certas críticas na ortodoxia islâmica. Grupos mais radicais nem mesmo consideram os Sufi como muçulmanos, enquanto outros, sabedores de sua importância, enfatizam exatamente esta filiação e se contrapõe à prática comum de certos comentadores ocidentais de apagar esta informação quando tratam de Rumi e de sua poesia. Esta tendência é forte nos movimentos espiritualistas ocidentais que parecem apreciar a poesia, mas não sua origem.

Rumi desenvolveu uma rica poesia e também trabalhos em prosa que compartilhou com seus discípulos sendo nestes dois campos, o Divã de Shams de Tabriz, o Masnavi e o Fihi Ma Fihi, as obras de maior destaque. Os poemas que aqui apresentamos são traduções brasileiras, feitas partindo do inglês em seleções de sua vasta obra. Estas seleções não seguem necessariamente o plano desenvolvido pelo autor que, apresentava normalmente prosa e poesia num mesmo trabalho. Focam-se na poesia e fazem uma nova montagem do texto para apresentar ao Ocidente. Rumi, poeta pouco conhecido no Brasil, é lido ou pelo menos editado com frequência em língua inglesa. Escreveu entretanto, majoritariamente em persa, com alguns trechos em árabe, 'língua oficial' do Corão muçulmano. Neste trabalho abordaremos um de seus poemas que segue:

Viemos girando do nada,
 Espalhando estrelas como pó.
 As estrelas puseram-se em círculo,
 e nós no centro dançamos com elas.

Há um ritual, um círculo, uma comunhão entre estrelas e pessoas. Os poemas de Mawlana Rumi carregam forte apelo panteísta, embora o autor fosse muçulmano sunita e erudito desta religião. Não é claro o quanto de embate teve que travar com uma religiosidade de monoteísmo estrito. O que é perceptível nos poemas é sua imensa pluralidade amorosa e universal. Rumi é movimento, cinturas, remelexo amoroso e busca infinita. A ortodoxia sufi investe numa percepção que a dança é busca pela divindade. Não rejeitamos essa percepção, a ampliamos como ampliamos a noção de divino, incluímos o sexo.

Como a pedra do moinho, em torno de Deus,
 gira a roda do Céu.
 Segura um raio dessa roda,
 e terás a mão decepada.

Vislumbramos um eixo, um destino, um Wu Wei aqui, as coisas se encaminham para seu próprio sentido. os impedimentos não são possíveis. A mão que segura a roda, como as sentinelas e muralhas do Cântico, não pode impedir a dança, o amor. A relação se faz quase como um imperativo, uma selvageria mística. Tanto o amor como a mística parecem adotar um girar específico que não pode facilmente ser conduzido senão por seus próprios caminhos. A roda do céu é o tudo e também imagem do coração liberto

Girando e girando,
 essa roda dissolve todo e qualquer apego.
 Não estivesse apaixonada, ela mesma gritaria:
 "Basta!"

De um lugar estático para o movimento ritualístico e inebriante eis o caminho do apaixonado. Mawlana Rumi e seus dervixes rodopiantes promovem um êxtase poético e imagético na procura do amado, figura divina, o Alláh-Deus, arquétipo essencial dos monoteísmos e de uma relação amorosa plena, porém desapegada. Este amor divinizado e humano ao mesmo tempo que é embriaguez e já não pode simplesmente dizer ‘Basta”, é também livre de todo apego, não tendo a posse como referência.

Até quando há de seguir esse giro?
Cada átomo gira desnordeado,
mendigos circulam entre as mesas,
Cães rondam um pedaço de carne,
O amante gira em torno do seu próprio coração!

Dos átomos até o mendigo todos são um e apaixonados. A relação é de um fluir necessário das coisas, um estar no seu lugar. O que aparentemente soa estranho, juntar átomos e coração, com mendigos e cães, apenas reforça o imperativo universal do amor em Rumi, nada exclui, tudo comporta. Pq a sexualidade estaria excluída aqui? Penso que uma tal abordagem trai o pensamento de Rumi, tão plural e necessário. Sua poesia não esconde uma tensão entre monoteísmo-politeísmo, um outro binarismo sofrível das crenças e mais um aspecto que será burlado pelo místico. A mística pode de certa forma ser vista como uma cintilação do Neutro.

Envergonhado ante tanta Beleza,
giro ao redor de minha vergonha!
"Ouve a música do Sama!
Vem unir-te ao som dos tambores!
Aqui celebramos!
Somos todos a Verdade!
Em êxtase estamos!

O êxtase é possivelmente a mais intrigante e problemática manifestação da mística - aqui tomo o termo êxtase de forma ampla, porém inequivocamente ligado

aos espaços de fé, não necessariamente a um credo específico - decupá-lo em atitude cartesiana é coisa impossível, porém não paramos de buscar um entendimento sobre o mesmo. Defendemos numa leitura imagética, que nestas poesias o êxtase pode ser equiparado ao gozo, o ápice do intercurso sexual e amoroso. O trecho do poema vai num crescente, o giro se torna mais frenético, os tambores anunciam maior prazer. Tudo, também o prazer é verdadeiro, não por ser factual apenas, mas como valor em si mesmo.

Embriagados sim, mas de um vinho que não se colhe na videira!

O que quer que pensem de nós

Em nada parecerá com o que somos!

Giramos e giramos em êxtase!

Esta é a noite do Sama!

Há Luz agora!

Luz!

Luz!

Eis o Amor verdadeiro!! Que diz à mente, "Adeus!"

Este é o dia do Adeus!

"Adeus"!

"Adeus"!

Todo coração que arde nesta noite é amigo da Música.

Ardendo por teus lábios meu coração transborda de minha boca.

Silêncio

Essa grande passagem mesclada de vinho, dança, luz, adeus, amor, coração, êxtase e *Sama* - Etimologicamente, Ouvir, em persa e árabe e também a cerimônia, regada a dança e música, dos dervixes rodopiantes - é o gozo. Depois vem o silêncio, figura do Neutro e uma espécie de fenecer e alvorecer. O amor se liquefaz, parece de fato nunca ser sólido ou certamente, não e rígido. O desejo inscrito em lábios, ardor e coração é transbordante. O adeus é mais um desapego genuíno, um estar ali livremente, sem tensões desnecessárias, *Wu Wei*.

És feito de Pensamento, Afeto e Paixão!
 O que resta é nada além de carne e ossos!
 Por que nos falamos de templos de oração, de atos piedosos?
 Somos o caçador e a caça!
 Outono e Primavera!
 Noite e Dia!
 O Visível e o Invisível!
 Somos o tesouro do Espírito!
 Somos a Alma do Mundo!

Dos adjetivos para os substantivos um percurso muito presente na poesia mística-erótica. O amor inclassificável, as tentativas depois do gozo e do silêncio. Talvez voltar-se para o outro lado e dormir, descansar com palavras numa busca de entendimentos. As vias de mão dupla são as figuras que o trecho apresenta. Findo o êxtase, a fusão, nos afastamos e recomeça a busca, a ronda. Do que somos feitos para o que somos é o percurso deste fragmento, começamos do particular até abarcar tudo.

Livres do peso que vergasta o corpo!
 Prisioneiros não somos, do Tempo nem do Espaço,
 nem mesmo da Terra que pisamos ...
 No Amor fomos gerados ...
 No Amor nascemos!

Pensamos, não nos foi possível evitar, sobre este tempo pouco amoroso que vivemos e de todos os pesos que vergastam os corpos, de todo tempo que passa em envelhecimento, todo espaço que separa por não o percorrermos. A poesia não nos livra do corpo, não há razão para tal, mas do peso que o esmaga, das culpas e moralidades. Não parece haver espaço para essas coisas no amor, na geração. O poema fenece, volta ao útero, assim como no Cântico a amada introduz o amado na casa de sua mãe, na cama desta, onde foi gerada, útero, morada.

3.3 Poemas de Santa Teresa de Ávila

Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada conhecida como Teresa de Jesús de Ávila ou simplesmente Teresa de Ávila, nasce na Espanha em 1515 e morre aos 67 anos, em 1582, neste mesmo país. Adotou a vida monástica como estilo de vida e dedicou boa parte da mesma na reforma do Carmelo, ordem religiosa a que pertencia. Viveu a contra-reforma e o governo de Felipe II, durante o apogeu político da Espanha. Seus escritos iniciais são autobiográficos de caráter introspectivo e pessoal. Estes relatos estarão presentes durante toda a vida e alguns são brevíssimos, algumas poucas linhas. É possível que muita coisa tenha se perdido aqui. Teresa também se dedicará aos escritos espirituais sendo *O Caminho de Perfeição* e *O Castelo Interior* as obras principais. Junto a estes escritos encontramos também, cartas diversas, narrativas das fundações monásticas que empreendeu, das viagens que realizou e uma obra poética, por vezes vista como mera recreação. É uma destas poesias que trataremos aqui.

De espírito empreendedor e viajante ao mesmo tempo que meditativo, Teresa nos legou obras de grande beleza e simplicidade que oscilam entre um simples poema feito para uma irmã de ordem, até um tratado místico como o *Castelo Interior*, uma mistura de itinerário de fé, com experiência emocional e artística das mais relevantes dentro da escrita renascentista espanhola. A monja teve seus escritos retidos pela inquisição que desconfiava de toda aquela experiência mística e via em Teresa uma mulher andarilha, metida em coisas que não lhe diziam respeito. Não foram poucas as vezes que teve de se recolher por recomendação de autoridades eclesiásticas. Sua obra, entretanto, revelou-se de grande profundidade e alcançou espaços que não se sujeitam aos ditames da ortodoxia católica. O poema escolhido remete a um êxtase que a mesma relatou e que foi imortalizado em escultura pelo artista Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), um século depois. Algumas imagens desta escultura vão em anexo.

Dilectus meus mihi

*Entreguei-me toda e assim
Os corações se hão trocado
Meu Amado é para mim,
E eu sou para o meu Amado.*

O título em latim, dado ao poema, é clara alusão ao Cântico dos Cânticos. Lá a pertença amorosa que paradoxalmente é plena e desapegada também conecta os amantes. Como afirmei antes, o Cântico se tornará referencial para a poesia mística-erótica sendo sua presença percebida de maneiras e graus diferentes nos diversos escritos místicos que se seguirão. Teresa não foge a esta regra, mas se insere no seu tempo e o transcende. Entrega, troca e pertencimento são as primeiras pistas aqui e claro, um eu lírico feminino que evoca o amado.

Quando o doce caçador
Me atingiu com sua seta,
Nos meigos braços do Amor
Minh'alma aninhou-se quieta.

Gian Lorenzo Bernini soube, como nenhum outro, representar o anjo-caçador-eros que com uma seta-falo, puxa o manto da santa, num intuito de descobrir seu peito e penetrá-lo. A postura lânguida da amada-santa-mulher, que o artista retratou, explicita de maneira por demais erótica a mansidão, o aninhar-se que a poesia nos fala. Tudo é expectativa e já amor. A docilidade precede o gozo-êxtase.

E a vida em outra, seleta,
Totalmente se há trocado:
*Meu amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.*

Há uma outra vida, escolhida, uma mudança profunda se faz, um giro nas coisas. Se em Rumi o movimento exterior dos dervixes produz essa mudança num fluxo exterior - interior, em Teresa este fluxo parece ser o contrário, interior-exterior. O movimento porém está em ambos, a transformação amorosa e desejosa manifesta-se por imagens diferentes, porém plenas. A totalidade é aqui reafirmada como algo necessário. O poema de Teresa, descrição do êxtase místico, já nem mesmo apresenta os guardas e as muralhas do Cântico, tudo isso ficou para trás, a entrega é plena, o ser goza.

Era aquela seta eleita
 Ervada em sucos de amor,
 E minha alma ficou feita
 Uma com o seu Criador.
 Já não quero eu outro amor,
 Que a Deus me tenho entregado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.

Se, em atitude reflexiva e amorosa, nos permitirmos ler a 'seta ervada em sucos de amor', em imagem de falo úmido e fecundo, pênis-sêmen e a quietude que segue, o gozo espiritual e sexual se conectam, ainda que não necessariamente sejam a mesma coisa e não possamos mais que especular sobre os fenômenos da fé. A alma-criador assim como amada-amado permanecem aqui como simbologia destes encontros possíveis, de todos os encontros possíveis, sendo aquele amor e não outro, o necessário, o que se quer.

Assim, pensamos que a mística não prescinde do erotismo, nem este daquela e que o binarismo aparente, esconde as cintilações de um terceiro, um não excludente que forma outros sentidos em conflito. As figuras de Barthes e sua abordagem sobre o Neutro como um terceiro nos pareceram um bom caminho para olhar estas poesias e suas possibilidades interpretativas e desejantes. Elas, pensamos, podem nos ajudar a construir este outro logos do desejo que aqui se anuncia em entrelinhas, em suspeitas sobre a ortodoxia. Outros poemas e imagens seguem nos anexos como material suplementar e de encantamento.

Conclusão - De amor e de Sombras.

Não é muito esperar que, em todos os tempos, o amor seja a escolha primeira entre as pessoas, embora a afirmação desta vontade seja constantemente contrariada por uma existência violenta, de pouca significação e constantes lutas para uma parcela muito grande de pessoas. A maioria se debate pela sobrevivência, pelo alimento do dia a dia, um teto ou coisas assim. Também enfrentam, como vítimas ou como algozes, um embrutecimento que lhes arranca o prazer estético, a poética da vida e condena o corpo-sexo, corpo-amor a condição de rejeição, pecado, de culpa. As dores do mundo, as ausências e necessidades materiais, empurram cada vez mais gente para uma busca de sentido da vida. Neste caminho a maioria é arrebanhada como gado por toda sorte de lideranças político-religiosas, num processo antigo que infelizmente se renova em máscaras e moralidades restritivas. Aqui tentamos apresentar uma outra busca que amorosa é poética, que poética é transcendente, que transcendente nos eleva a todos e nos faz, no mínimo, deixar os outros viverem como querem. Não somos contra a busca, pelo contrário, muito a incentivamos, com a certeza de que aqueles que não retiram seu corpo, seu sexo e seu prazer, da mesma, escolhem a melhor maneira de fazer tal jornada. O pão não cairá subitamente nas mesas e a multiplicação será toda ela uma resposta social, mas o caminho não precisa ser de desamor. Há uma infinidade de belezas agrestes a nossa espera. Desfrutemos. Nós abraçamos a poesia como um *modus* de existir e o amor carnal como uma de suas manifestações mais belas, completas, sem outra explicação que não o gozo de ambos. Sabemos que não é de maneira ingênua que se ataca o poeta e o amante. Ambos manifestam uma liberdade e entrega, uma deriva que foge aos controles, que é uma perdição libertadora. Ambos são no corpo e na imagem uma traição aos ideais mais elevados do autoritarismo e da vida cinza.

As religiões tem promovido grande castração e frustração dos desejos, sua sanha de poder não é facilmente percebida por aqueles que de bom coração aderem às mesmas. Sim, os neófitos são quase sempre os mais fanáticos, toda sinuosidade, toda curva, tudo que é cintura, amor e sexo os amedronta e deve ser

destruído. Este trabalho propôs um outro caminho, uma outra escolha. Ele não é uma resposta para as guerras religiosas, para as fogueiras, para as inquisições físicas ou simbólicas. Reconhecemos nossa impotência diante de algo tão desapassionante como a imposição aos outros de nossas verdades reveladas. Aqui nossa pretensão foi poética, dentro daquilo que o gênero nos permitiu. Foi poética e amorosa na escolha do *Corpus* e de um modo de vida plural, aberto a toda maneira de amar, que considera a literatura como essencial e a reverência num leito, sob a embriaguez de todos os vinhos.

O Cântico, Rumi e Teresa de Ávila são excelente companhia para os que tem dúvidas, não negam seu desejo e continuam, continuam como os átomos, numa dança cósmica, numa simbiose de temporalidades. Esta pesquisa não se encerra, este trabalho sim. Pensamos que partindo das figuras de Barthes e também por outros caminhos, abre-se um leque de possibilidades de leitura destes autores e obras e podemos aprofundar suas jornadas e nos enriquecer com elas. O estudo da poesia mística-erótica pode ser um caminho instigante para alguns, aqueles que de certa forma compreendem o *Wu Wei* e não criam tensões desnecessárias, antes dispõem-se a amar e embriagar-se.

Particularmente sinto-me desafiado a aprofundar este conceito e a representação do Êxtase de Santa Teresa feito por Bernini e de alguma forma contribuir para as leituras da vasta obra da monja. Este encontro de linguagens, entre a palavra e a escultura, mediada em fotografia é desafiador como leitura semiótica. Não esquecemos também a relevância de um diálogo amoroso, de um compromisso com a diversidade no amar que intimamente nos conduziram até aqui. Nestes momentos de grande intolerância e restrições, de censuras com desculpas moralizadoras nos unimos a toda dissidência e, comungando com o poeta, sabemos que “O que quer que pensem de nós, em nada parecerá o que somos”. Para os que desejarem, um olhar mais profundo sobre os grandes poetas da tradição Sufi pode se abrir e o encontro entre o Cântico dos Cânticos com o Kama Sutra, como citei anteriormente, é também um caminho instigante, ardente.

O logos do desejo e o divino-erótico que buscamos apresentaram-se sutilmente, pensamos. Talvez em cintilação. Há muito que construir teoricamente neste campo, uma ampla filosofia nos aguarda, além de outros saberes como a

psicanálise, a psicologia analítica, a própria hermenêutica dos sujeitos. Como categoria o Neutro de Barthes também exige mais atenção, cuidado e enfrentamento. Todas estas possibilidades se apresentam diante de nós, todas nos animam em seguir pesquisando e em propor caminhos. Sobre uma encosta observamos o riachinho que serpenteia, gira, flui inexorável e fecundo. Os pássaros bailam entre os pequenos ninhos e as grandes jornadas e nós, deitamos sobre o chão pedregoso, fechamos os olhos e viajamos. Depois de tanto tempo, nos reconciliamos com nós mesmos e sentimos que estamos onde deveríamos estar.

Wu Wei.

Referências Bibliográficas:

Barthes, Roland. O Grau Zero da Escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. O Neutro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002

CARVALHO, José Jorge de. POEMAS MÍSTICOS/ RUMI – Divan de Shams de Tabriz. Tradução e Introdução de José Jorge de Carvalho. São Paulo: Attar, 1996.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

JESUS, Santa Teresa de. Caminho da Perfeição. 8. ed. São Paulo: Paulus, 1982

_____. Castelo Interior ou Moradas. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1980.

_____. Obras Completas. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

JUNG, Carl Gustav. O Livro Vermelho. Edição sem ilustrações. Petrópolis, Vozes. 2013.

_____. O Homem e Seus Símbolos. Rio de Janeiro. Harper Collins. 2017.

LUCCHESI, Marco. A Sombra do Amado: Poemas de Rûmî. Rio de Janeiro: Fissus, 2000.

LUCCHESI, Marco e TEIXEIRA, Faustino. O canto da Unidade: Em torno da poética de Rûmî. Rio de Janeiro: Fissus, 2007.

MUCCI, Latuf Isaias. “Neutro”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/neutro/>>, consultado em 03-11-2019

RÛMÎ, Mawlana Djalâl Od-Dîn. Odes Mystiques (Dîvân-E Shams-E Tabrîzî). Traduction du Persan ET notes par Eva de Vitray-Meyerovitch ET Mohammad Mokri. Éditions Du Seuil/Éditions UNESCO, 1973.

TEIXEIRA, Faustino. Rûmî: a paixão pela unidade. REVER (PUCSP), São Paulo, v. 3, n. 4, 2003, pp. 20-41.

Anexo 1 - Poemas.

Cântico dos Cânticos.

Prólogo

Que me beije com beijos de sua boca!
Teus amores são melhores do que o vinho
O odor dos teus perfumes é suave.
 teu nome é como óleo escorrendo
e as donzelas se enamoram de ti...

Arrasta-me contigo, corramos!
Leva-me, ó Rei, aos teus aposentos e exultemos!
 Alegremo-nos em ti!
Mais que ao vinho, celebremos teus amores!
 Com razão se enamoram de ti.

Terceiro Poema

Em meu leito, pela noite
procurei o amado de meu coração.
Procurei-o e não o encontrei!
 Levantar-me-ei,
 rondarei pela cidade.
Pelas ruas, pelas praças,
procurando o amado da minha alma...
Procurei-o e não o encontrei!..
Encontraram-me os guardas
 que rondavam a cidade.
“ - Vistes o amado da minha alma?”
 Passando por eles, contudo,
encontrei o amado da minha alma.
 Agarrei-o e não o soltarei,
 até levá-lo à casa da minha mãe,
ao quarto daquela que me concebeu.

Filhas de Jerusalém,
pelas cervas e gazelas do campo,
eu vos conjuro,
não desperteis, não acordeis o amor,
até que ele o queira.

Sexto Poema

Eu dormia,
mas meu coração velava
e ouvi o meu amado que batia:
“Abre, minha irmã, minha amada,
pomba minha sem defeito!
Tenho a cabeça molhada
meus cabelos gotejam orvalho”

“Já despi a túnica
e vou vesti-la de novo?
Já lavei meus pés,
e os sujarei de novo?”
Meu amado põe a mão
pela fenda da porta
as entranhas me estremecem.
Minha alma ouvindo-o se esvai.

Ponho-me de pé
para abrir ao meu amado,
minhas mãos gotejam mirra,
meus dedos são mirra escorrendo
na maçaneta da fechadura.

Abro ao meu amado
mas o meu amado se foi...
Procur-o e não o encontro,
Chamo-o e não me responde...
Encontraram-me os guardas
que rondavam a cidade,
Bateram-me, feriram-me,

tomaram-me o manto
as sentinelas das muralhas”.

Filhas de Jerusalém
eu vos conjuro,
se encontrardes o meu amado
que lhe direis?.. Dizei
que estou doente de amor?

Poemas de Rumi

Vimos girando do nada,
Espalhando estrelas como pó.
As estrelas puseram-se em círculo,
e nós no centro dançamos com elas.
Como a pedra do moinho, em torno de Deus,
gira a roda do Céu.
Segura um raio dessa roda,
e terás a mão decepada.
Girando e girando,
essa roda dissolve todo e qualquer apego.
Não estivesse apaixonada, ela mesma gritaria:
"Basta!"
Até quando há de seguir esse giro?
Cada átomo gira desnortado,
mendigos circulam entre as mesas,
Cães rondam um pedaço de carne,
O amante gira em torno do seu próprio coração!
Envergonhado ante tanta Beleza,
giro ao redor de minha vergonha!
"Ouve a música do Sama!
Vem unir-te ao som dos tambores!
Aqui celebramos!
Somos todos a Verdade!
Em êxtase estamos!
Embragados sim, mas de um vinho que não se colhe na videira!

O que quer que pensem de nós
 Em nada parecerá com o que somos!
 Giramos e giramos em êxtase!
 Esta é a noite do Sama!
 Há Luz agora!
 Luz!
 Luz!
 Eis o Amor verdadeiro!! Que diz à mente, "Adeus!"
 Este é o dia do Adeus!
 "Adeus!"
 "Adeus!"
 Todo coração que arde nesta noite é amigo da Música.
 Ardendo por teus lábios meu coração transborda de minha boca.
 Silêncio
 És feito de Pensamento, Afeto e Paixão!
 O que resta é nada além de carne e ossos!
 Por que nos falamos de templos de oração, de atos piedosos?
 Somos o caçador e a caça!
 Outono e Primavera!
 Noite e Dia!
 O Visível e o Invisível!
 Somos o tesouro do Espírito!
 Somos a Alma do Mundo! Livres do peso que vergasta o corpo!
 Prisioneiros não somos, do Tempo nem do Espaço,
 nem mesmo da Terra que pisamos ...
 No Amor fomos gerados ...
 No Amor nascemos!

.....

 Vem,
 Te direi em segredo
 Aonde leva esta dança.
 Vê como as partículas do ar
 E os grãos de areia do deserto
 Giram desnorteados.

Cada átomo
Feliz ou miserável,
Gira apaixonado
Em torno do sol.

Ninguém fala para si mesmo em voz alta.
Já que todos somos um,
façamos desse outro modo.

Os pés e as mãos conhecem o desejo da alma
Fechemos pois a boca e conversemos através da alma
Só a alma conhece o destino de tudo, passo a passo.
Vem, se te interessas, posso mostrar-te

Desde que chegaste ao mundo do ser,
uma escada foi posta diante de ti, para que escapasses.
Primeiro, foste mineral;
depois, te tornaste planta,
e mais tarde, animal.
Como pode isto ser segredo para ti?

Finalmente, foste feito homem,
com conhecimento, razão e fé.
Contempla teu corpo - um punhado de pó -
vê quão perfeito se tornou!

Quando tiveres cumprido tua jornada,
decerto hás de regressar como anjo;
depois disso, terás terminado de vez com a terra,
e tua estação há de ser o céu.

Não durmas,
senta com teus pares
A escuridão oculta a água da vida.
Não te apresses, vasculha o escuro.
Os viajantes noturnos estão plenos de luz;
não te afastes pois da companhia de teus pares.

Faltam-te pés para viajar?
Viaja dentro de ti mesmo,
e reflete, como a mina de rubis,
os raios de sol para fora de ti.
A viagem conduzirá a teu ser,
transmutará teu pó em ouro puro.

Sofreste em excesso
por tua ignorância,
carregaste teus trapos
para um lado e para outro,
agora fica aqui.

Na verdade, somos uma só alma, tu e eu.
Nos mostramos e nos escondemos tu em mim, eu em ti.
Eis aqui o sentido profundo de minha relação contigo,
Porque não existe, entre tu e eu, nem eu, nem tu.

Oh, dia, levanta! Os átomos dançam,
As almas, loucas de êxtase dançam.
A abóbada celeste, por causa deste Ser, dança,
Ao ouvido te direi aonde a leva sua dança.
Ontem à noite, confidencialmente, eu disse a um velho sábio:
- Não me esconda nada dos segredos do mundo!
Muito docemente, ele me disse ao ouvido:
- Chut! Podemos compreender, mas não exprimir!

Quero fugir a cem léguas da razão,
Quero da presença do bem e do mal me liberar.
Detrás do véu existe tanta beleza: lá está meu ser.
Quero me enamorar de mim mesmo, ó vós que não sabeis!

Eu soube enfim que o amor está ligado a mim.
E eu agarro esta cabeleira de mil tranças.
Embora ontem à noite eu estivesse bêbado da taça,
Hoje, eu sou tal, que a taça se embebedada de mim.

Ele chegou... Chegou aquele que nunca partiu;
Esta água nunca faltou a este riacho
Ele é a substância do almíscar e nós o seu perfume,
Alguma vez se viu o almíscar separado de seu cheiro?

Se busco meu coração, o encontro em teu quintal,
Se busco minha alma, não a vejo a não ser nos cachos de teu cabelo.
Se bebo água, quando estou sedento
Vejo na água o reflexo do teu rosto.

Sou medido, ao medir teu amor.
Sou levado, ao levar teu amor.
Não posso comer de dia nem dormir de noite.
Para ser teu amigo
Tornei-me meu próprio inimigo.

Teu amor me tirou de mim.
De ti, preciso de ti
Noite e dia, eu queimo por ti.
De ti, preciso de ti.

Não posso dormir quando estou contigo
por causa de teu amor.
Não posso dormir quando estou sem ti
por causa de meu pranto e gemidos.
Passo as duas noites acordado
mas, que diferença entre uma e outra!

Não temos nada além do amor.
Não temos antes, princípio nem fim.
A alma grita e geme dentro de nós:
- Louco, é assim o amor.
Colhe-me, colhe-me, colhe-me!
À noite, pedi a um velho sábio
que me contasse todos os segredos do universo.
Ele murmurou lentamente em meu ouvido:
- Isto não se pode dizer, isto se aprende.

A fé da religião do Amor é diferente.
 A embriaguez do vinho do Amor é diferente.
 Tudo que aprendes na escola é diferente.
 Tudo que aprendes do Amor é diferente.

- Vem ao jardim na primavera, disseste.
 - Aqui estão todas as belezas, o vinho e a luz.
 Que posso fazer com tudo isso sem ti?
 E, se estás aqui, para que preciso disso?

Poemas de Santa Teresa

Dilectus meus mihi

*Entreguei-me toda e assim
 Os corações se hão trocado
 Meu Amado é para mim,
 E eu sou para o meu Amado.*

Quando o doce caçador
 Me atingiu com sua seta,
 Nos meigos braços do Amor
 Minh'alma aninhou-se quieta.
 E a vida em outra, seleta,
 Totalmente se há trocado:
*Meu amado é para mim,
 E eu sou para meu Amado.*

Era aquela seta eleita
 Ervada em sulcos de amor,
 E minha alma ficou feita
 Uma com o seu Criador.
 Já não quero eu outro amor,
 Que a Deus me tenho entregado:
*Meu Amado é para mim,
 E eu sou para meu Amado.*

Ante a Formosura de Deus

Formosura que excedeis
A todas as formosuras,
Sem ferir, que dor, fazeis!
E sem dor desfazeis
O amor das criaturas!

Ó Laço que assim juntais
Dois seres tão diferentes,
Se, atado, em gozos trocais
As dores, as mais pungentes

Ao que não tem que ser, juntais
Com quem é Ser por essência;
Sem acabar, acabais;
Sem ter que amar, amais;
E nos ergueis da indignência.

Aspirações à vida eterna

Vivo sem em mim viver
E tão alta vida espero,
Que morro de não morrer.

Vivo já fora de mim
Desde que morro de amor;
Porque vivo no Senhor,
Que me escolheu para Si.
Quando o coração lhe dei,
com terno amor lhe gravei:
Que morro de não morrer.

Esta divina prisão,
do amor em que eu vivo,

fez a Deus ser meu cativo,
e livre meu coração;
e causa em mim tal paixão
ser eu de Deus a prisão,
Que morro de não morrer.

Ai que longa é esta vida!
Que duros estes desterrros!
Este cárcere, estes ferros
onde a alma está metida!
Só de esperar a saída
me causa dor tão sentida,
Que morro de não morrer..

Ai! Como a existência é amarga
Sem o gozo do Senhor!
Se é doce o divino amor,
Não o é a espera tão larga:
Tire-me Deus esta carga
Tão pesada de sofrer,
Que morro de não morrer.

Só vivo pela confiança
De que um dia hei de morrer;
morrendo, o eterno viver
Tem por seguro a esperança.
Ó morte que a vida alcança,
Não tardes em me atender,
Que morro de não morrer.

Olha que o amor é bem forte!
Vida, não sejas molesta;
Vê, para ganhar-te resta
Só perder-te: - feliz sorte!
Venha já tão doce morte;
Venha sem mais se deter,
Que morro de não morrer.

Lá no céu, definitiva,
É que a vida é verdadeira;
Durante esta, passageira,
Não a goza a alma cativa.
Morte, não sejas esquiva;
Mata-me para eu viver,
Que morro de não morrer.

Vida, que posso eu dar
a meu Deus que vive em mim,
se não é perder-me enfim,
para melhor o gozar?
Morrendo, o quero alcançar,
pois nele está meu socorro,
Que morro de não morrer.

Se ausente de meu Deus ando,
Que vida há de ser a minha
Senão morte, mais mesquinha,
Que mais me vai torturando?
Tenho pena de mim, quando
Me vejo em tanto sofrer,
Que morro de não morrer.

Já de alívio não carece
O peixe em saindo da água,
Pois tem fim toda outra mágoa
Quando a morte se padece.
Pior que morrer parece
Meu lastimoso viver,
Que morro de não morrer.

Se me começo a aliviar
Ao ver-te no Sacramento,
Vem-me logo o sentimento
De não poder gozar.
Tudo aumenta o meu penar,

Por tão pouco assim te ver,
Que morro de não morrer.

Quando me alegre, Senhor,
Pela esperança em ver-te,
Penso que posso perder-te,
E se dobra a minha dor:
E vivo em tanto pavor,
Sem na espera esmorecer,
Que morro de não morrer.

Oh! Tira-me desta morte,
E dá-me, Deus meu, a vida;
Não me tenhas impedida
Por este laço tão forte.
Morro por ver-te, de sorte
Que sem ti não sei viver,
Que morro de não morrer.

Choro a minha morte já;
E lamento a minha vida,
Enquanto presa e detida
Por meus pecados está.
Ó meu Deus, quando será
Que eu possa mesmo dizer
Que morro de não morrer?

Anexo II - Imagens

Imagem 1 - Êxtase de Santa Teresa - Gian Lorenzo Bernini



Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 2 - Êxtase de Santa Teresa - Detalhe . Gian Lorenzo Bernini.



Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 3 - Êxtase de Santa Teresa - Detalhe. Gian Lorenzo Bernini.



Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 4 - Êxtase de Santa Teresa - Detalhe. Gian Lorenzo Bernini.



Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 5 - Êxtase de Santa Teresa - Detalhe. Gian Lorenzo Bernini.



Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 6 - Êxtase de Santa Teresa - Detalhe. Gian Lorenzo Bernini.



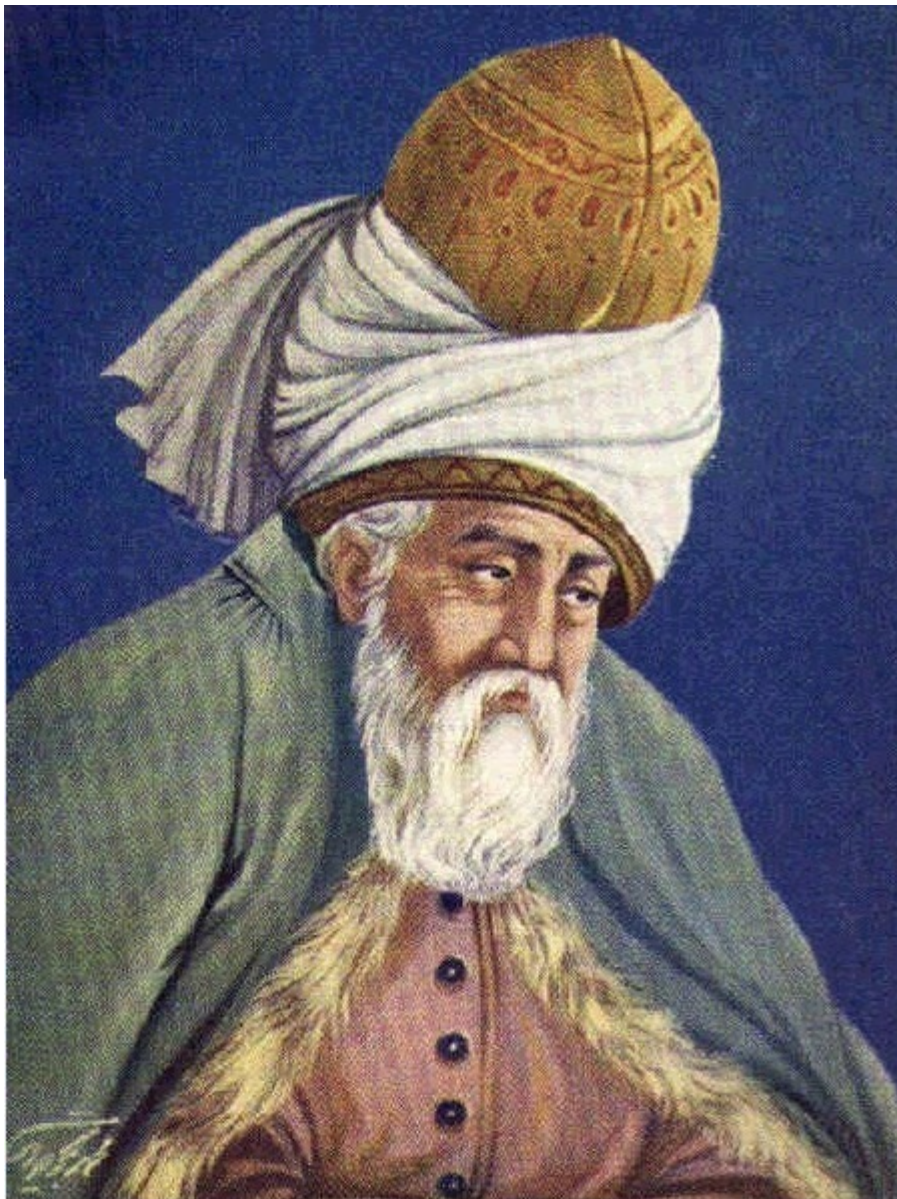
Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 7 - Êxtase de Santa Teresa - Detalhe. Gian Lorenzo Bernini.



Fonte: Nina Aldin Thune

Imagem 8 - Mawlana Rumi



Fonte: Descubra Turquia/Divulgação 2019.

Imagem 9 - Dervixes Rodopiantes.



Fonte: khowaga1 on VisualHunt.com

Imagem 10 - Dervixes Rodopiantes. Fonte: Descubra Turquia/Divulgação 2019.

Imagem 11 - Dervixes Rodopiantes.



Fonte: Descubra Turquia/Divulgação 2019.